



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA LUISA HOFFMANN

GUARDIÃO DE IMAGENS:
“MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS” E A RELAÇÃO DE
PERTENCIMENTO DE UM PIONEIRO COM LONDRINA

MARIA LUISA HOFFMANN

GUARDIÃO DE IMAGENS:
“MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS” E A RELAÇÃO DE
PERTENCIMENTO DE UM PIONEIRO COM LONDRINA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Boni

Londrina
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

H711g Hoffmann, Maria Luisa.

Guardião de imagens : “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina / Maria Luisa Hoffmann. – Londrina, 2010.
97 f. : il.

Orientador: Paulo César Boni.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Fotografia documentária – Teses. 2. História oral – Teses. 2. Comunicação visual – Teses. 3. Imagens fotográficas – Teses. 4. Londrina (PR) – História – Teses. I. Boni, Paulo César. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 070:77.03

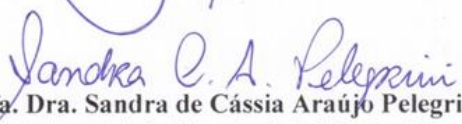
MARIA LUISA HOFFMANN

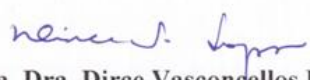
**GUARDIÃO DE IMAGENS: “MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS” E A
RELAÇÃO DE PERTENCIMENTO DE UM PIONEIRO COM
LONDRINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
Comunicação da Universidade Estadual de Londrina,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof. Dr. Paulo César Boni (Orientador)
Universidade Estadual de Londrina


Profa. Dra. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini
Universidade Estadual de Maringá


Profa. Dra. Dirce Vasconcellos Lopes
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 20 de dezembro de 2010.

*Dedico este estudo aos meus pais, e ao
meu marido, Matheus.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me possibilitou essa conquista, me deu saúde, serenidade e persistência para enfrentar todos os desafios.

Aos meus pais, que me apoiaram e estiveram sempre ao meu lado.

Às minhas irmãs Cecília e Viviane, minhas amigas mais dedicadas, presentes de Deus para minha vida. Agradeço pela força e compreensão, sobretudo pela paciência nas horas difíceis.

Ao meu marido Matheus, pelo amor, dedicação e, sobretudo, pela compreensão nos momentos de ausência.

Às minhas amigas, em especial à Anthônia, Camilla, Juliana e Juliani, que me apoiaram, revisaram trabalhos e me estimularam a seguir em frente.

Ao Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, pela atenção e disponibilização gratuita das fotografias digitalizadas.

A todos os professores e funcionários do curso de Mestrado em Comunicação, em especial à professora Dirce e ao professor Beto, que participaram da qualificação e contribuíram muito para a consolidação deste trabalho.

À Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo investimento e suporte ao meu trabalho.

Em especial, ao professor Paulo César Boni, com quem tive o prazer de trabalhar. Obrigada por todas as orientações, ajudas e conversas. Saio do mestrado com a sensação do dever cumprido, e devo parte disso à sua atenção e dedicação. Especial agradecimento pelo apoio no processo seletivo do Doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, pelo qual estou passando. Suas dicas, seus livros e suas ideias foram essenciais na elaboração do meu próximo projeto.

HOFFMANN, Maria Luisa. **Guardião de imagens**: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

A partir de lembranças individuais de um pioneiro da cidade de Londrina, Omeletino Benatto, este estudo visa contribuir com a discussão sobre memória, identidade e pertencimento. Para tanto, são selecionadas 15 imagens da época da colonização descritas textual e oralmente pelo pioneiro, sob a ideia da fotografia como “gatilho detonador da memória” e com o apoio da técnica da história oral. Essas imagens e descrições apontam para uma relação de pertencimento do entrevistado com o lugar, onde ele identifica-se, orienta-se e habita. Para a análise são abordados os conceitos de lugar, de Augé (1994), topofilia, de Tuan (1980) e considerações de autores como Schutz, Lynch, Kossoy e Le Goff, sobre história, fotografia, cidade e memória.

Palavras-chave: História de Londrina (PR). Comunicação visual. Gatilho da memória. Lugar de pertencimento. Omeletino Benatto.

HOFFMANN, Maria Luisa. **Guardian of images:** “photographic memories” and the relationship of belonging between a pioneer and Londrina. 2010. 97 f. Dissertation (Master in Communication) – State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

From individual memories of a Londrina’s pioneer, Omeletino Benatto, this study aims to contribute to the discussion about memory, identity and belonging. For this purpose, 15 images were selected from the colonization period and described textually and orally by the pioneer, in the idea of photography as “memory trigger detonator” with the support of oral history technique. These images and descriptions point to a relation of belonging to the place, where he identifies himself, guided and inhabits. For the analysis some concepts are required as place, from Augé (1994), topophilia, from Tuan (1980) and considerations of authors such as Schutz, Lynch, Kossoy and Le Goff on history, photography, city and memory.

Key-words: History of Londrina. Visual communication. Memory trigger. Place of belonging. Omeletino Benatto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comparação da divisão de Paris em <i>arrondissements</i> à esquerda e do mapa do centro de Londrina à direita	37
Figura 2 - A primeira fotografia de Londrina	46
Figura 3 - Churrasco promovido pela Companhia de Terras	55
Figura 4 - Residência do Sr. Hikoma Udihara	57
Figura 5 - Imagem da cidade de Londrina. Fotografia.....	59
Figura 6 - Antiga estação ferroviária de Londrina	62
Figura 7 - Construção da casa da família Benatto.....	64
Figura 8 - Inauguração da primeira agência de revenda de carros da Ford	67
Figura 9 - Caminhão do Sr. João Antônio Benatto	69
Figura 10 - Posto de gasolina na Rua Minas Gerais	72
Figura 11 - Vista de Londrina	75
Figura 12 - Casa do Sr. Mathias Heim.....	78
Figura 13 - Vista da Avenida Paraná	80
Figura 14 - Vista da Avenida Higienópolis.....	82
Figura 15 - Clube de tênis da Companhia de Terras Norte do Paraná	84
Figura 16 - Casa do Sr. João Alfredo de Menezes	86
Figura 17 - Casa do Dr. Peter Muller	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA	14
2.1 MEMÓRIA, CULTURA E HISTÓRIA	17
2.1.1 A História Oral	18
2.1.2 Gatilho Detonador da Memória	19
2.2 A FOTOGRAFIA: DOCUMENTO HISTÓRICO E GATILHO DA MEMÓRIA	21
2.3 FOTOGRAFIA, CIDADE E MEMÓRIA	24
3 A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS..	27
3.1 LUGAR E NÃO-LUGAR	28
4 RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, PERCEPÇÃO E CIDADE	31
4.1 A INFLUÊNCIA DA CIDADE NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	34
4.2 DIFERENTES FORMAÇÕES DE CIDADES	36
5 A HISTÓRIA DE LONDRINA	38
5.1 PRIMEIROS PASSOS	38
5.1.1 A Infraestrutura e a Atividade Econômica	40
5.1.2 Atividade Política	44
5.1.3 Fotógrafos Pioneiros	46
5.2 OMELETINO BENATTO E LONDRINA: HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM	49
5.2.1 Origem	49
5.2.2 Família	50
5.2.3 Vida em Londrina	52
6 RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO	53
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 30 do século XX, quando a expressão “fotografia documental” foi utilizada pela primeira vez nos Estados Unidos, a imagem fotográfica passou, aos poucos, a adquirir *status* de documento histórico e, atualmente, está sendo alçada à condição de fonte de pesquisa. Isso porque a imagem permite desvendar aspectos que não ficam claros em outras formas de registro. Por meio dela é possível recuperar memórias e detalhes da própria história.

A palavra documento vem do latim *documentum* que remete a ensinar, provar. No fim do século XIX, com o positivismo, o documento era considerado o fundamento do fato histórico. O texto estava em foco e era o principal meio de pesquisa e transmissão de conhecimento. Na década de 60 do século XX, a memória coletiva e os relatos orais passaram a ser valorizados como fonte de pesquisa e a história oral pôde ser trabalhada como metodologia. Porém, muitos acreditavam que a fotografia, considerada registro do ocorrido, não poderia representar fatos ligados ao passado.

Quando a ilusão da objetividade do documento foi colocada em cheque, a fotografia adquiriu *status* de documento, e conquistou seu espaço, quando pesquisadores perceberam sua importância como fonte primária e como registro de pesquisa. É importante observar, porém, que a imagem fotográfica é uma representação impregnada por ideologias e pelo olhar do fotógrafo, que se reflete na escolha de ângulos, elementos constituintes, perspectivas, dentre outros aspectos.

No registro imagético, a relação entre os signos e os significados não é pré-estabelecida. “A leitura, aqui, depende de minha cultura, de meu conhecimento do mundo; e é provável que uma boa fotografia [...] jogue com o suposto saber de seus leitores [...]” (BARTHES, 1990, p. 23). Os códigos, abertos e contínuos, possibilitam que cada leitor tenha sua própria interpretação da imagem. A leitura é, dessa maneira, polissêmica. Alguns elementos referenciais e técnicas de captura podem direcionar a interpretação do leitor, tentando aproximar diferentes leitores de uma mesma interpretação.

Porém, as imagens trazem novos elementos, dependendo do momento histórico e cultural, o que possibilita novas compreensões a cada leitura. Uma fotografia de determinado período, por exemplo, pode transmitir distintas mensagens, se analisada em diferentes momentos históricos, por indivíduos de culturas diversas.

A representação e a compreensão das imagens, além de culturalmente determinadas, sofrem influências espaços-temporais. A estética fotográfica está ligada a um contexto sócio-histórico e cada indivíduo cria relações estéticas de acordo com o ambiente onde vive. Ou seja, as relações estéticas se alteram e a leitura que uma pessoa faz de uma fotografia hoje provavelmente é diferente da leitura que ela fez da mesma há cinquenta anos.

Além disso, algumas informações contidas na imagem podem se referir a costumes específicos de determinado grupo. Sendo assim, dificilmente será compreendida na sua totalidade por indivíduos de outros grupos e o mesmo acontece com a língua escrita. Ritos, simbolismos, gestos podem ter diversos significados e conotações em diferentes culturas.

Dessa maneira, pode-se dizer que a fotografia concretiza o imaginário. O fotógrafo muitas vezes cria suas imagens e “fala” ao seu receptor através de metáforas, tradução de ideias. Isso significa dizer que, quando colocado diante de uma imagem, o observador tem a tendência de (re)criar a imagem por meio de um conteúdo vivenciado, um conteúdo paralelo. Essa concepção está presente nos estudos da linguagem, relacionada às noções de sintagma e paradigma (inferências por similaridade e contiguidade).

Na interpretação, o leitor relaciona as imagens por meio de associações e de seu repertório imagético, o que possibilita a compreensão do conteúdo. Os signos, dessa maneira, desencadeiam em cada pessoa uma série de significantes, e a leitura da imagem varia de acordo com o reserva signica do leitor. Quanto mais rico seu repertório, maior sua capacidade de compreender a mensagem. Quando um conteúdo é composto de ocorrências incomuns, o receptor tem a necessidade de buscar comparações, efetuar alinhamentos por similaridade, repetir traços comuns que podem motivá-lo a persistir na leitura.

Para o observador da imagem, o objeto fotografado existe na sua relação com outros objetos concretos. Esse “jogo da memória” faz com que o espectador reconheça na imagem o que lhe é familiar.

Sendo assim, a fotografia carrega muitos sentidos e deve ser utilizada de modo criterioso em trabalhos científicos. Neste estudo, a imagem fotográfica é tratada como gatilho da memória, documento e fonte de informações. A antropologia, suas denominações e conceitos são utilizados para dar consistência às análises das relações do sujeito com a imagem da cidade, assim como as obras que a relacionam com a memória e a identidade.

Ao olhar uma fotografia de determinada época, o indivíduo não vê apenas o lugar fotografado. Uma série de outros dados lhe vem à mente, informações que se desencadeiam na memória, relações com o que foi fotografado e detalhes vivenciados. As

memórias individuais vêm à tona. Um pioneiro que olha uma fotografia de uma estrada na época da colonização de sua cidade relembra a dificuldade que era transitar por esse caminho, as vezes que passou por ele com sua família, e assim sucessivamente. Detalhes significativos que em entrevistas, ou por meio apenas da técnica da história oral, poderiam não ser lembrados. A imagem fotográfica é utilizada neste trabalho como detonador da memória e instrumento para identificar as relações do sujeito com o lugar.

Para estabelecer essas relações, um pioneiro de Londrina foi selecionado. Omeletino Benatto chegou à região em 1934, ano da instalação do município. Ele e sua família participaram ativamente de inaugurações de estabelecimentos, solenidades, acontecimentos e da vida social da cidade. Omeletino Benatto mantém uma relação íntima com imagens da época da colonização e conserva uma série de álbuns e matérias sobre o período. Ele está organizando um livro com imagens fotocopiadas e descritas, no qual aponta com detalhes lugares, eventos, as residências e seus moradores, contribuindo, dessa maneira, para a recuperação e preservação da memória da cidade.

Para a análise, foram selecionadas quinze dessas imagens, das décadas de 30 e 40. Quando a pesquisadora fizer referência às descrições do livro, será assinalado na citação “descrição escrita”.

Posteriormente, as fotografias foram apresentadas ao entrevistado, uma a uma, em duas datas distintas. Em depoimentos orais, Omeletino Benatto acrescentou uma série de informações relevantes sobre aquilo que foi fotografado e sobre outros assuntos rememorados por meio de elementos presentes na imagem. Quando as citações fizerem referência a esses depoimentos, serão marcadas com o termo “entrevista”.

Considerando que a vivência no lugar e a preservação da memória são fundamentais na consolidação da identidade, o presente trabalho visa recuperar, por meio das fotografias selecionadas, memórias individuais de Omeletino Benatto, identificar e analisar sua relação com o município de Londrina. As imagens e os depoimentos evidenciam a existência de um sentimento de pertencimento ao lugar, onde o pioneiro reconhece a si mesmo e a sua história.

As técnicas da história oral e da fotografia como gatilho da memória serão utilizadas para obter novas informações sobre as imagens selecionadas. Alguns desses dados ainda não são de conhecimento público e o próprio museu histórico da cidade, que tem a posse de grande parte desses registros imagéticos, não tem conhecimento de quem são os personagens fotografados.

A história oral é empregada como técnica complementar, e a descrição das imagens abordadas, feitas pelo entrevistado, devem auxiliar e fornecer as bases necessárias para interpretações e análises posteriores.

Por ser uma perspectiva relativamente nova, a comunicação utiliza metodologias de outras áreas para obter seus resultados, ou seja, não tem sua metodologia específica. Em países da Europa como França e Alemanha, a Comunicação não é consolidada como autônoma. Pensadores provêm de outras áreas como Sociologia ou Antropologia.

Não há nenhuma teoria da comunicação. Nem aqui, no Brasil, nem no mundo. A área da comunicação ainda não goza do estatuto de ciência porque até o momento ainda não definiu seu objeto, ainda não se debruçou sobre ele, ainda não pesquisou a comunicação. [...] até hoje ainda não começamos a estudar a comunicação propriamente dita, isto é, como recebemos aquilo que é a nós dirigido, como digerimos isso, que efeitos isso provoca em cada um de nós individualmente, em suma, o que se passa nesse momento em que está supostamente acontecendo um fenômeno comunicacional. Essa pesquisa ainda não existe (MARCONDES FILHO, 2010).

O método acaba se definindo a partir do objeto de estudo e não sob sua perspectiva. Alguns pesquisadores estudam através do viés sociológico, antropológico, psicológico etc. Novas propostas metodológicas e técnicas híbridas devem ser, dessa maneira, consideradas, trabalhadas e utilizadas.

A pesquisa visa responder ao seguinte problema: como a fotografia enquanto gatilho da memória, aliada à história oral, pode auxiliar na identificação da relação do sujeito com o lugar e na consequente preservação histórica da cidade? Dessa maneira, o estudo justifica-se pela importância da análise da relação entre o indivíduo e a cidade em formação, questão relevante na contemporaneidade, e pela consequente recuperação de fragmentos da história e conservação da memória.

Por tratar da memória, temas como percepção, cognição e mapas mentais serão abordados. As narrativas, objeto da pesquisa, são analisadas e levantam discussões sobre o papel da cidade na formação da identidade e o reconhecimento de experiências que apontam para o sentimento de pertencimento a determinado lugar. A orientação, a identificação e a localização do sujeito no ambiente também são tópicos trabalhados, assim como o afeto que se pode desenvolver por um lugar, ou seja, a topofilia.

O objetivo central, de caráter antropológico, é discutir como o sentimento de pertencimento ao lugar se evidencia por um meio, por uma ferramenta da comunicação, que

pode ser utilizada dentro da proposta metodológica do “gatilho da memória” e como a narrativa se organiza em função da imagem.

Atualmente, Londrina tem mais de 510 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), e é a terceira maior cidade do sul do país. Os estudos que abordam depoimentos e relatos dos pioneiros também devem contribuir para uma melhor compreensão e para averiguação de informações sobre a recente história da região. Por se tratar de uma cidade nova, com 76 anos apenas, é possível buscar na “fonte” viva informações sobre seu nascimento e crescimento, reconhecendo seus primeiros habitantes como agentes de transformação.

O estudo também visa compreender e analisar a influência do lugar na trajetória de vida de seus moradores, e pode suscitar e instigar outros estudantes a abordar o tema, gerando novos trabalhos que contribuam para a recuperação e democratização da memória de outras pessoas, instituições e cidades.

No primeiro capítulo, destaca-se a relação da fotografia com a memória, a técnica da história oral, seu uso neste estudo e a imagem fotográfica como gatilho detonador da memória. O segundo capítulo aborda a fotografia como ferramenta de estudos antropológicos e a definição de lugar e não-lugar, segundo autores como Augé e Schulz. A relação entre sujeito, percepção e cidade é tratada no terceiro capítulo, que aborda também a influência da cidade e do lugar na identidade, o sentimento de topofilia e a sensação de identificação com o ambiente, segundo conceitos dos pesquisadores Lynch e Tuan.

Em seguida, a história dos primeiros anos de Londrina é contada com base em obras de autores locais, e o pioneiro Omeletino Benatto conta a trajetória de sua família. No quinto capítulo são analisadas as imagens de Londrina com base em depoimentos e textos do pioneiro, o modo como ele se localiza na cidade, sua relação com a memória e com o lugar de pertencimento, Londrina, comprovando a tese apresentada em capítulos anteriores.

2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Fotografia é memória e com ela se confunde (KOSSOY, 2005, p. 40). A memória, por sua vez, é indispensável para a formação da identidade. “[...] A identidade é imprescindível para uma nação conhecer seu passado, entender o presente e planejar o futuro.” (BONI, 2009, p. 9-10). Dessa maneira, recuperar o passado é uma garantia de dar um sentido para o presente.

Desde a antiguidade, pensadores apontam para a necessidade do homem de manter as aparências para o fortalecimento da memória. Múmias, pinturas e esculturas eram utilizadas como vestígios, ou como afirma Sontag (2004, p. 170) algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária.

A imagem fotográfica também tem certo poder de trazer à memória, como se apresentasse vestígios do real, trazendo à tona sentimentos e histórias.

O aparente da vida registrado na imagem fotográfica pode assim, de quando em quando, deixar de ser unicamente a referência e *reassumir a sua condição anterior de existência*. O princípio de uma viagem no tempo em que a história particular de cada um é restaurada e *revivida* na solidão da mente e dos sentimentos (KOSSOY, 2005, p. 43).

Com a fotografia, as possibilidades de capturar o “fragmento” da realidade e a sensação de controlá-la aumentaram. Segundo Kossoy (2005, p.42-43), toda fotografia apreciada refere-se ao passado. Ele aponta que essas imagens, em geral, “sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. [...] De todo o processo, somente a fotografia sobrevive”.

Em razão de ser um fragmento do mundo e de depender de um referente, objeto diante da câmera (considerando apenas a imagem analógica sem retoques ou montagens), a fotografia foi e é, ainda hoje, associada à denúncia, sendo muito utilizada em casos judiciais como prova. Porém, deve ser concebida como uma representação, permeada por escolhas e pela ideologia de seu autor, que se reflete na escolha do que será fotografado, do ângulo, das cores etc.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias [...]. Assim como os demais documentos elas [as fotografias] são plenas de ambigüidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões

pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro (KOSSOY, 1999, p. 20-22).

Na segunda metade do século XIX, o consumo da nova invenção fez com que os fotógrafos passassem a registrar os costumes, a arquitetura das cidades, os monumentos, a construção de estradas de ferro, ou seja, as transformações da cidade moderna, contribuindo para a reconstituição de suas memórias. Eles também registraram a vida nos subúrbios e as condições de trabalho das classes baixas e de operários.

O escocês John Thomson (1837-1921) foi um dos precursores do fotodocumentarismo de denúncia social. Ele retratou o cotidiano londrino e desejava mostrar realidades ignoradas. Sua obra de 1862, *Street Life in London* foi ilustrada com xilogravuras feitas a partir de suas fotografias e tornou-se um clássico do reformismo social com intenção conscientizadora.

O jornalista Jacob Riis (1849-1914) fotografou majoritariamente a cidade de Nova Iorque e trabalhou nos jornais *South Brooklyn News*, *New York Tribune* e *New York Evening Sun*. Riis aproveitou as suas aptidões jornalísticas para publicar os problemas das classes baixas. Ele e outros reformistas – muitas vezes chamados de *muckrackers* – estavam dispostos a lutar por reformas sociais e acreditavam que a pobreza era passível de ser reduzida através de uma regulação governamental da economia. O fotógrafo destacou-se também pela utilização do *flash powder*, técnica que lhe possibilitou fotografar tanto o interior como o exterior dos bairros durante a noite.

Na França, Eugène Atget (1857–1927) produziu mais de 10 mil fotografias da arquitetura, de construções e dos subúrbios de Paris. Ele tornou-se fotógrafo com 31 anos de idade e foi o precursor da fotografia moderna na capital francesa.

Suas ambições para sua nova carreira eram modestas. Ele alegava que suas imagens eram apenas ‘documentos para artistas’, vendendo-as como registros documentais para indivíduos interessados e instituições públicas, onde eram apresentadas com os respectivos assuntos ao invés do nome de seu autor, considerado sem importância (BADGER, 2001, p. 3).¹

¹Tradução livre do original: “His ambitions for his new career were modest. He claimed that his images were merely ‘documents for artists’, selling them as documentary records to interested individuals and public institutions, where they were filed under their respective subjects rather than their author’s name, with was deemed to be unimportant.”

Atget inovou e especializou-se em vistas cotidianas e postais parisienses. Porém, segundo Badger (2001), é visto por algumas pessoas atualmente na França como um mero exemplar, não necessariamente o melhor, de uma tradição na fotografia da arquitetura francesa, que começou em 1850.

Lewis Wicks Hine (1874–1940), por sua vez, fotografou as classes trabalhadoras e apresentou um panorama das condições dos operários das indústrias norte-americanas, principalmente das crianças. Chamou a atenção para a injustiça social, para as péssimas condições de vida dos trabalhadores e acreditava que fotógrafos poderiam expressar pontos de vista pessoais em seus trabalhos.

Hine não exibia suas imagens como belas estampas nas paredes das galerias e museus. Em vez disso, ele destinou seu trabalho a um público amplo: suas fotografias apareceram nas páginas dos livros e revistas, nos anúncios, em cartazes didáticos, como peças de exposição, e também como ilustrações para relatórios e documentos oficiais (BADGER, 2002, p. 3).²

Já o fotógrafo Edward Sherif Curtis retratou e filmou, entre os anos de 1907 e 1937, os índios na América do Norte. Vivenciou parte de um dos maiores massacres da América: o genocídio de milhares deles. Quando começou a fotografar, muitos povos já haviam se dispersado, se extinguido ou foram divididos em reservas, longe de suas áreas originais. Sua ideia inicial era organizar uma enciclopédia sobre esses grupos, mas ele acabou utilizando a câmera para fotografar rituais até então nunca registrados. Atualmente, muitos antropólogos questionam o trabalho de Curtis, embora reconheçam seu valor.

Além das intenções particulares de seus respectivos trabalhos, esses profissionais criaram um acervo fotográfico da vida e da arquitetura das principais cidades e do cotidiano de grupos específicos nos séculos XIX e XX. Essas imagens contribuíram para a compreensão de acontecimentos e momentos históricos e são utilizadas ainda hoje como documentos e fontes de pesquisas.

² Tradução livre do original: “Hine did not exhibit his images as fine prints on the walls of galleries and museums. Instead he aimed his work at a broad public: his photographs appeared on the pages of books and magazines, in advertisements, on didactic posters, as exhibition pieces, and also as illustrations for official reports and documents.”

2.1 MEMÓRIA, CULTURA E HISTÓRIA

Existe uma relação de interdependência entre a cultura e a memória de determinado povo. A cultura, para perpetuar-se, precisa ser transmitida por meio das memórias, e esse processo de transmissão de histórias e da experiência pode ser tido como um costume na convivência do grupo, como um modo de preparar os indivíduos para o futuro. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1996, p. 477).

A memória não é história, mas um dos seus objetos, pois a história se constrói a partir de memórias individuais e coletivas, documentos escritos, iconográficos e testemunhos vivenciados. Toda história é contemporânea, pois é apreendida e pensada no presente, “e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo.” (LE GOFF, 1996, p. 51). Dessa maneira, ela é reescrita no presente, e a cada época, pode ser alterada. Quando a fotografia é utilizada como documento histórico, num determinado momento cultural, novas informações podem ser apreendidas e repensadas. E a história e o passado podem, nessa medida, ser reescritos e ressignificados, num movimento frequente.

Já o processo da memória no homem, “faz intervir não só a ordem de vestígios, mas também a releitura desses vestígios.” (LE GOFF, 1996, p. 423-424). O pesquisador acredita que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Atualmente, a memória individual não pode ser associada a algo inerte, no qual são despejadas lembranças, mas sim a algo vivo, que mantém uma relação dinâmica com o real e a dialética entre lembranças e esquecimentos. Alguns momentos históricos assistem a produção de testemunhos individuais sobre determinado período do passado, uma inflação de depoimentos ou rompimento de silêncios que, nessa dinâmica de releitura do passado no presente, afetam a história. “A relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos; antes, porém, ser uma série de trocas, uma dialética entre informação e interpretação, entre educadores e suas localidades, entre classes e gerações.” (THOMPSON, 2002, p. 44). Ao recorrer aos relatos e testemunhos das épocas passadas, é possível transformar essas narrativas, fazendo com que fatos isolados passem a ter sentido.

Apesar de ser um processo carregado de imprecisões, reconstruções e distorções, e apesar de, ainda hoje, gerar uma série de polêmicas, a memória é utilizada atualmente como instrumento para recuperação histórica.

2.1.1 A História Oral

O testemunho oral daqueles que vivenciaram os fatos, começou a ser reconhecido em meados do século passado no meio acadêmico, e uma de suas razões é a presença do passado no presente imediato das pessoas.

Nesse contexto, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir valorizar a memória do homem (THOMPSON, 2002, p. 17).

A história oral segue duas correntes: a norte-americana, abordada por Meihy (1996) e a corrente inglesa, trabalhado por Thompson (2002). Segundo Thompson a subjetividade, tão questionada na história oral e na memória individual, está presente em todas as fontes históricas. Cada leitor, por exemplo, pode fazer uma interpretação de um texto, de acordo com seus conhecimentos e valores.

Além disso, o testemunho do acontecimento permite esclarecer dúvidas, comprovar evidências únicas, verificar discrepâncias entre fontes e fazer conferências, o que não é possível conseguir por meio de um livro, por exemplo. “Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas [...]” (LE GOFF, 1996, p. 472).

O principal mérito da história oral, segundo Thompson (2002, p.26) é que permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista, sobre uma realidade complexa e multifacetada. Por meio de depoimentos, é possível “descobrir documentos escritos e fotografias que de outro modo não seriam localizadas.” (THOMPSON, 2002, p. 25) e a história ganha uma nova dimensão.

Segundo o pesquisador (THOMPSON, 2002, p. 41), o uso dessa metodologia insufla vida na história. Porém a história oral pode ser utilizada também como

técnica, dependendo do tratamento que o pesquisador dá às informações obtidas por fontes orais. “É método quando os depoimentos são o foco principal do trabalho”, e é técnica quando “[...] articula diálogos com outros documentos.” (MEIHY, 1996, p. 145).

Os depoimentos apontam para a realidade fruto da experiência, uma criação de sentimento e pensamento do sujeito. A memória individual narrativa deve ser encarada como uma construção, uma seleção de impressões e acontecimentos. A técnica faz com que o entrevistado vivencie o sentimento de pertencer a determinado lugar e determinada época.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história (THOMPSON, 2002, p. 22).

Neste trabalho, as entrevistas não têm roteiro elaborado. A história oral é utilizada como técnica complementar para o estudo. O entrevistado, Omeletino Benatto, é o colaborador principal e teve liberdade para expressar suas percepções pessoais com o intermédio de fotografias de seu acervo, coletadas em livros, matérias jornalísticas e obtidas com outros pioneiros da época. Sua experiência individual e a relação com a cidade são abordadas por meio de registros iconográficos, gatilhos da memória, que recuperam informações sobre Londrina, um lugar de pertencimento.

2.1.2 Gatilho Detonador da Memória

A proposta metodológica da imagem fotográfica como “gatilho detonador da memória”, que vem sendo desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, sugere que fotografias sejam utilizadas e apresentadas durante as entrevistas, nesse caso ao pioneiro, para que novas lembranças lhe venham à memória.

O estudo dá continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Comunicação e História”, cadastrado no CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do qual a autora faz parte. Os participantes desse grupo, e outros pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina, têm utilizado a imagem fotográfica como ferramenta de estudos da história da região, e estão desenvolvendo pesquisas com essa nova proposta, que alia o registro fotográfico à história oral, como um

instrumento para obter novas informações, que em depoimentos comuns poderiam não ser rememoradas.

Pretende-se sistematizar a proposta como um novo método para a área da Comunicação, utilizando uma de suas ferramentas: a fotografia. O termo “gatilho da memória” pode ter sido utilizado por outros autores, como uma forma de explicar o processo desencadeado pela imagem na mente, porém, o conceito ainda não foi encontrado como proposta metodológica, ou desenvolvido como tal.

Deve-se ressaltar também que, assim como a imagem, Simson (2005) aponta que a música pode ser um elemento detonador de lembranças. Acrescenta-se que um cheiro, uma veste, ou outro objeto de apreço da infância ou do momento passado também podem fazer rememorar antigos acontecimentos.

Neste estudo, ao mesmo tempo em que a fotografia traz à tona lembranças, o sujeito entrevistado reorganiza suas memórias e sua narrativa em função de imagens. O registro fotográfico é valorizado como instrumento de pesquisa e como documento de importância histórica.

Por outro lado, é importante observar que a fotografia auxilia na recuperação de parte da história, já que trata daquilo que foi “visível” na cidade. Mas como gatilho da memória, pode trazer novas lembranças e vivências, para além do fotografado. As relações de associação se desenvolvem na mente e na memória do entrevistado, fazendo com que ele, ao mesmo tempo, revise e reflita sobre suas recordações, fazendo delas experiências. “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam.” (BOSI, 2007, p. 85).

Para Bosi (2007, p. 54-55), a lembrança é a sobrevivência do passado, que se conservando no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

A lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. [...]. A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada (BOSI, 2007, p. 49).

Ao recorrer à psicanálise, é possível fazer relação entre a nova proposta e a técnica de associação livre, desenvolvida por Freud. Cria-se um estado de relaxamento no paciente e, através de um diálogo com o psicanalista, ele pode ultrapassar as barreiras que impedem as experiências recalçadas ou traumatizantes de vir ao consciente. O paciente fala o

que lhe vem à memória ao tratar de determinado assunto, sem pressionar a busca de uma lembrança específica. A associação livre e os sonhos são, para Freud, via régia para o inconsciente.

Para o autor (FREUD, 1900), a instância da consciência, responsável pela percepção, não tem capacidade de memorizar. Às outras duas instâncias, pré-consciente e inconsciente, cabem o registro das impressões recebidas, constituindo aí duas modalidades de memória: uma pré-consciente, na qual representações são facilmente rememoráveis, e uma memória inconsciente, constituída por traços mnêmicos para sempre inacessíveis. A associação livre é uma maneira de fazer surgir o desejo nas representações da instância pré-consciente.

Neste estudo, e na concepção de Freud, a fotografia, como gatilho detonador da memória, faz associações com a memória pré-consciente, acessível sem o auxílio de hipnose ou outra técnica. As imagens trazem à mente lembranças que se desencadeiam, e resultam na narrativa de assuntos não necessariamente contemplados na imagem.

2.2 A FOTOGRAFIA: DOCUMENTO HISTÓRICO E GATILHO DA MEMÓRIA

Não há história sem documentos e, segundo Le Goff (1996, p. 540), é preciso tomar a palavra documento no sentido mais amplo, considerando o documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, pela imagem, ou de qualquer outra maneira. Segundo Leite (2001, p. 82), “a década de 80 vem assistindo a um intenso interesse pela imagem fotográfica, como instrumento de pesquisa e reprodução de condições materiais nas ciências sociais”. Sua importância como instrumento auxiliar e, principalmente, como fonte de pesquisa para recuperação e preservação da memória, tem sido reconhecida por acadêmicos e pesquisadores.

Burke (2004, p. 26) afirma que “a expressão ‘fotografia documental’, passou a ser utilizada na década de 1930 nos Estados Unidos (logo após a expressão ‘filme documentário’), para referir a cena do cotidiano das pessoas comuns, especificadamente os pobres”. Ele salienta, porém, que é essencial criticar as fontes. “Como o crítico de arte John Ruskin (1819-1900) inteligentemente observou, a evidência de fotografias ‘é de grande utilidade se você souber como interrogá-las’.” (BURKE, 2004, p. 30).

A imagem fotográfica pode ser utilizada para obter informações inéditas ou para confrontar informações obtidas por outros tipos de documentos. Elas permitem desvendar aspectos que não ficam claros em outras formas de registro e ajudam a recuperar a história daqueles que não deixaram escritos ou depoimentos.

Kossoy (2001, p. 55) aponta para o uso da fotografia como um instrumento de pesquisa, um meio de conhecimento da cena passada, e como uma possibilidade de recuperação da memória visual do homem e de seu entorno sociocultural. Um instrumento que permite descobrir, analisar e interpretar a vida histórica e que pode ser utilizado em estudos específicos das áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, sociologia, dentre outros.

O historiador deve estar atento, segundo Burke (2004, p. 238), para as “entrelinhas” das fotografias, observando detalhes e ausências significativas, buscando pistas para informações que os que produziram as imagens não tinham conhecimento, ou para suposições que não estavam conscientes de produzir. Nos depoimentos, as pausas e esquecimentos também podem ser representativos e indicar a existência de dados e informações importantes e pertinentes para a pesquisa.

A coleta e a sistematização dos registros fotográficos e a tomada e análise dos depoimentos, intermediados pela fotografia, permitem compreender características do período pesquisado e obter novas informações, que de outra forma não seriam lembradas. Observa-se também que para a análise em um trabalho científico as imagens precisam ser traduzidas por palavras, “o que acrescenta à polissemia da imagem as ambigüidades provocadas pela alteração do código”. (LEITE, 2001, p. 16).

Uma fotografia, gatilho detonador de memórias, permite que o pioneiro, por exemplo, ao observar uma imagem de linha férrea, recorde-se das dificuldades de sua construção, dos operários e daqueles que a projetaram, quantas vidas foram perdidas nessa empreitada etc. A imagem fotográfica traz à tona uma série de experiências e vivências, informações não disponíveis em documentos oficiais.

Quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. [...] As fotografias poderiam ser comparadas a imagens armazenadas na memória, enquanto as imagens lembradas são resíduos substituíveis de experiências contínuas. Em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças de pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser revista muitas vezes (LEITE, 2005, p. 145).

Utilizando apenas a técnica da história oral, o entrevistado pode ser rápido e resumido nas respostas. Mas com os registros fotográficos, as histórias voltam à lembrança com muita força.

Mas, durante essas sessões de registro conjunto da memória, qualquer pequena fotografia amarelecida pelo tempo, puxada timidamente do fundo do bolso, trazia novo enriquecimento às narrativas e uma segurança muito maior aos processos de rememoração. (SIMSON, 2005, p. 23).

A partir daquilo que é registrado no documento iconográfico, os que vivenciaram as histórias recordam de outros momentos, outras pessoas, recordam onde moravam outras famílias e suas histórias. No caso de uma cidade jovem como Londrina, esses depoimentos permitem confrontar e corrigir informações sobre sua colonização e a vida de seus pioneiros. Outro fato a ser considerado é que nem tudo é fotografado. Por isso, essas reconstituições e construções mentais são necessárias, pois a imagem fotográfica é o resultado de uma escolha, e abrange apenas parte do todo.

A reconstituição por meio da fotografia não se esgota na competente análise iconográfica. Essa é apenas a tarefa primeira do historiador que se utiliza das fontes plásticas. A reconstituição de um tema determinado do passado, por meio da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias (KOSSOY, 2005, p. 41-42).

Fontes isoladas como documentos ou depoimentos exprimem aspectos limitados da questão abordada pelo pesquisador. “Por esta razão, lança-se mão, cada vez mais, de uma gama mais abrangente de evidências, na qual as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais.” (BURKE, 2004, p. 11). E os testemunhos, orais e documentais, são suscetíveis de orientar a história em diferentes sentidos, pois, como já dito, uma imagem permite diferentes leituras em diversos momentos históricos.

Quem trabalha com reconstituição histórica por meio da fotografia deve buscar recuperar os mecanismos internos que regeram a *produção* das imagens que são objeto de seu estudo. De outra parte, ele, historiador, como sujeito da interpretação, não escapa aos mecanismos internos que regem a *recepção* das imagens, posto que é, também, um receptor. Em função disso, sua interpretação é elaborada em conformidade com seu repertório cultural, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, [...]. Não existem, por princípio, interpretações ‘neutras’ (KOSSOY, 2005, p.42, grifos do autor).

Outra característica da fotografia é a transmissão de informações sobre o passado familiar para as gerações mais jovens. O registro imagético, segundo Simson (2005, p. 31) “vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal ‘texto’ orientador da construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais.” A análise de fotografias antigas aliada a relatos obtidos com o apoio dessas imagens constitui uma forma eficiente no estudo de processos de migração, e permite, segundo Simson (2005, p. 25), “a montagem de valiosos instrumentos de devolução dos resultados de pesquisa às comunidades estudadas.”

A contextualização das imagens e a compreensão de seu período cultural, econômico e sócio-histórico também são de grande importância nos estudos da história que abordam memórias individuais e coletivas. Além disso, a análise um conjunto de fotografias de um mesmo período ou tomadas por um mesmo autor, oferece um conjunto de informações mais consistente que uma fotografia analisada individualmente.

2.3 FOTOGRAFIA, CIDADE E MEMÓRIA

Ao longo da história, as fotografias de paisagem urbana retrataram, de modo abrangente ou fragmentado, a vida da cidade, seu crescimento e sua arquitetura. Segundo Kossoy (2007, p. 132), a imagem fotográfica “é a memória coletiva nacional, preservada através de documentação fotográfica de seus monumentos, arquitetura, de suas vistas e paisagens urbanas, rurais e naturais, de suas realizações materiais, de sua gente, de seus conflitos e suas misérias”. Dessa maneira, “as imagens constituem um dos sustentáculos da memória.” (KOSSOY 2007, p. 103).

A intenção dos fotógrafos dos séculos XIX e XX, que pretendiam guiar a percepção de quem visse a imagem, definia o que seria fotografado e aquilo que seria incluído ou omitido do registro, como elementos isolados, um prédio, por exemplo, ou um detalhe arquitetônico.

Essas imagens foram utilizadas para reconstruir a vida em determinadas épocas e muitas delas registraram as condições das ruas e construções, o exercício das profissões, personalidades e o andamento de obras de cidades que surgiam em diferentes países. Em alguns casos, os fotógrafos eram contratados pelo poder público e as imagens eram feitas sob encomenda, para obtenção de registros de obras contratadas a intervalos

regulares. “Essas imagens têm tido hoje, não apenas seu valor documental, mas também o artístico, reconhecidos.” (CARVALHO; WOLFF, 1998, p. 154).

São Paulo e Rio de Janeiro foram cidades brasileiras muito fotografadas. As mansões paulistas, os prédios e as próprias ruas de São Paulo eram registradas e divulgadas em cartões postais, principalmente as intervenções urbanísticas do governo de Antônio Prado (1905-1911). Projetos de arquitetos de outros países como Max Hehl ou de brasileiros como Francisco de Paula Ramos de Azevedo, para a aristocracia paulista, também eram registrados. Nessa época, comercializavam-se álbuns fotográficos que difundiam a imagem pretendida pelos governantes e permitiam selecionar lugares da cidade que sustentassem a ideia de metrópole. “A venda de coleções organizadas em álbuns fotográficos sugere o aparecimento de uma nova forma de apropriação simbólica da cidade.” (LIMA, 1998, p. 80).

O *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo – 1862-1887*, do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, é um exemplo. Ele retratou as mudanças e o processo de urbanização da cidade e o governo paulista viu nesse álbum a oportunidade de divulgar sua moderna administração.

Nas primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro foi palco de um grande projeto de saneamento e civilização. O engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933) foi responsável pelas reformas urbanísticas e a então capital da República tornou-se um canteiro de obras. O prefeito Francisco Pereira Passos (1836-1913) contratou o fotógrafo Augusto César Malta de Campos para registrar essas transformações e divulgar a imagem de uma cidade bem cuidada e moderna.

Em Londrina, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) contratava fotógrafos com o intuito de produzir imagens que, divulgadas em outros lugares, atrairiam novos compradores e moradores para a região. Dessa maneira, as fotografias das primeiras décadas da cidade retratavam as árvores majestosas da região e, conseqüentemente, a qualidade do solo, as primeiras construções, a infraestrutura como hospitais, mercados, pontes e linha férrea, entre outros. Imagens capazes de seduzir e atrair novos compradores e moradores.

A fotografia, com sua capacidade de persuasão, se transformou em importante mídia de publicidade e em um dos panfletos da CTNP, datado de 5 de abril de 1936, constava que a média de construção de casas de Londrina era de setenta e cinco por mês. Esse tipo de informação aliada à imagem da terra fértil passava a impressão de se tratar de uma região em pleno desenvolvimento. A empresa também produzia álbuns distribuídos entre seus agenciadores, que viajavam a procura de compradores.

Centenas dessas imagens, produzidas com intuito comercial, são mantidas no acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que possui aproximadamente 50 mil peças entre fotografias, álbuns fotográficos, negativos de vidro, negativos flexíveis, *slides*, filmes de 16 mm e 35 mm. Registros do surgimento das cidades e do crescimento da região Norte do Paraná, que auxiliam pesquisadores e pioneiros a recontar a história.

3 A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS

A imagem fotográfica surge a partir de uma observação da realidade que está contida em uma estrutura cultural. O registro vem carregado de significados, fragmentos que podem revelar aspectos que muitas vezes passam despercebidos. “O objeto da antropologia não é reconstituir sociedades desaparecidas, mas pôr em evidência lógicas sociais e históricas.” (AUGÉ apud LE GOFF, 1996, p. 131).

A antropologia passou a utilizar a fotografia para estudar determinados grupos, costumes e estruturas culturais. Edward Curtis realizou, entre 1907 e 1937, um levantamento etnográfico dos índios norte-americanos e em suas séries fotográficas, impeliu-os frequentemente a posar para as fotografias para recuperar comportamentos que muitas vezes já haviam sido abandonados pelos nativos. Malinowski realizou um grande trabalho, publicado em 1922, sobre os nativos do arquipélago de Nova Guiné, que revolucionou o modo como seriam estudados novos povos.

Entre 1936 e 1938, Margareth Mead e Gregory Bateson analisaram e registraram, por meio de câmeras fotográficas e vídeo, a cultura dos balineses e consolidaram a fotografia como ferramenta para a investigação cultural. O estudo resultou no livro *Balinese Character: a photographic analysis*, segundo Andrade (2002), obra mais contundente da antropologia visual até os dias de hoje.

A antropologia visual, segundo Leite (2005, p. 152), vem ampliando seu campo sistematicamente, desde a utilização da imagem como memória, no sentido de formar grandes acervos de arquivo e registros da cultura material e de comportamentos, a trabalhos contemporâneos que envolvem o fotógrafo-antropólogo como observador participante, avaliador e intérprete.

O presente estudo não utiliza a fotografia como instrumento para conhecer determinados grupos, mas sim como ferramenta para recuperar memórias e experiências daqueles que viveram no passado, ou na época fotografada. Além disso, são abordados os conceitos antropológicos de lugar e não-lugar, muitos trabalhados por Augé (1994).

Para o pesquisador, toda antropologia é “dos outros” e o lugar antropológico é simultaneamente o princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa e o estuda. “O tratamento do espaço é um dos meios dessa empreitada e não é de se espantar que o etnólogo fique tentado fazer, em sentido

inverso, o percurso de espaço ao social, como se este houvesse produzido aquele de maneira definitiva.” (AUGÉ 1994, p. 50-51).

Em seus estudos, o autor aponta que as coletividades e os indivíduos que a ela se ligam, necessitam pensar simultaneamente a identidade e a relação: a identidade partilhada com o grupo, identidade particular em relação aos outros e identidade singular. E a identidade está intimamente ligada à memória e à relação que o indivíduo tem com o lugar, um local onde ele se reconhece.

3.1 LUGAR E NÃO-LUGAR

O lugar, na acepção da antropologia, é tido como um local de pertencimento, onde o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Em oposição, o não-lugar é o local onde o sujeito não se reconhece, ou não se identifica, são locais de passagem, impessoais, que aparentemente não significam, ao menos para os que visitam provisoriamente. Locais históricos de uma cidade de nascimento ou de vivência, dessa maneira, podem ser reconhecidos por seus “filhos” e não reconhecidos por turistas, por exemplo.

O espaço como prática *dos* lugares e não do lugar procede, na verdade, de um duplo deslocamento: do viajante, é claro, mas também, paralelamente, das paisagens, das quais ele nunca tem senão visões parciais, ‘instantâneos’, somados confusamente em sua memória (AUGÉ, 1994, p. 80, grifo do autor).

O lugar se define por uma estabilidade mínima entre identidade e relação. “Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento.” (AUGÉ, 1994, p. 53). Assim como os cenários, a cidade e sua arquitetura podem criar espaços que geram no sujeito sentimento e relações de afeto. Em contrapartida, alguns lugares, não reconhecidos como tal, não causam sensações no indivíduo, e, por isso, o espaço do viajante seria o arquétipo do não-lugar.

Tuan (1983, p. 6) distingue os conceitos de espaço e lugar:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e

o dotamos de valor [...] se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Segundo o pesquisador (TUAN, 1983, p. 211) “o espaço não é uma idéia, mas um conjunto complexo de idéias [...] o lugar é um espaço estruturado.” Isso significa que o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que temos do mundo e as ideias de lugar e espaço não podem ser definidas uma sem a outra.

O espaço é amplo, desconhecido, temido, enquanto o lugar é recortado afetivamente, emerge da experiência, é um "mundo ordenado e com significado." (TUAN, 1983, p. 65). Humanizado, o lugar pode ser o lar, a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência, identidade, estabilidade e segurança. O espaço é transformado em lugar nas experiências cotidianas e é carregado de valores simbólicos.

A identidade e a relação com o ambiente são questões centrais dos dispositivos espaciais estudados pela antropologia, assim como a história. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional nem como histórico definirá um não-lugar.” (AUGÉ, 1994, p. 73). O que o autor defende é que a “supermodernidade” é produtora de não-lugares, espaços que não são antropológicos, não integram lugares repertoriados, classificados e promovidos a lugares da memória. “O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente.” (AUGÉ, 1994, p. 74).

O autor considera ainda que os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações do indivíduo, com ele mesmo e com os outros, que só dizem respeito indiretamente a seus fins, como por exemplo, em relação a espaços constituídos para transporte, comércio e lazer. “Assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária.” (AUGÉ, 1994, p. 87).

Os passageiros desses não-lugares obedecem aos mesmos códigos que os outros, respondem às mesmas solicitações. Porém, só voltam a se identificar no controle da alfândega, por exemplo. Dessa maneira, os não-lugares não geram identidade nem relação, mas sim solidão. “Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja.” (AUGÉ, 1994, p. 98).

O termo habitar, desse modo, pode referir-se às relações do homem com o lugar, um local de pertencimento. “Habitar pressupõe, antes de tudo, uma *identificação* com o

ambiente. Embora orientação e identificação sejam aspectos de uma relação total, esses fatores mantêm certa independência no interior da mesma totalidade.” (SCHULZ, 2006, p. 456, grifo do autor). Ao orientar-se, o homem deve ser capaz de saber onde está. Já identificar-se implica em saber como está em determinado lugar. Ambas as funções psicológicas implicam no “habitar”, conquistar base de apoio existencial. “As sociedades modernas, porém, concentram toda a atenção quase exclusivamente na função ‘prática’ de orientação, enquanto a identificação é deixada ao acaso. [...] ‘Identificação’ significa [...] ter uma relação ‘amistosa’ com determinado ambiente.” (SCHULZ, 2006, p. 456).

Ao apresentar-se, por exemplo, um indivíduo diz “sou brasileiro”, ou “sou paulista”, o que aponta para a relação da sua identidade com o lugar de pertencimento. “Por isso, é importante não só que nossa ambiência possua uma estrutura espacial que facilite a orientação, mas também que esta seja constituída de objetos concretos de identificação. *A identidade humana pressupõe a identidade do lugar.*” (SCHULZ, 2006, p. 457, grifo do autor).

O ambiente é, conseqüentemente, portador de significado, e a identidade das pessoas se desenvolve, de certa maneira, em função dos lugares.

Identificação e orientação são aspectos essenciais do estar-no-mundo do homem. Enquanto a identificação é a base do sentimento de *pertencer*, a orientação é a função que o torna capaz de ser aquele *homo viator* [homem peregrino] que faz parte de sua natureza (SCHULZ, 2006, p. 457).

Pollak (1992, p. 202) destaca que os lugares podem ser considerados como formadores da identidade, já que existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança. “Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu.”

Além disso, objetos de identificação são concretizados no ambiente e estabelecem relação com as pessoas desde a infância. Uma criança, por exemplo, elabora esquemas de percepção que vão determinar experiências futuras. Esses esquemas são influenciados por estruturas universais de percepções e são também condicionados pela cultura e pelo lugar. Daí a importância de observar como o indivíduo se orienta, se identifica e se reconhece como tal em determinados ambientes.

4 RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, PERCEPÇÃO E CIDADE

A realidade é fruto da experiência, criação de pensamento e sentimento do sujeito. Já a percepção é o processo mental de interação do homem com o seu ambiente. Os variados estímulos são apreendidos pelos sentidos e processados pelo cérebro, num processo cognitivo. “Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual.” (TUAN, 1980, p. 7). Além da utilidade, a visão tem poder de invocar experiências. “[...] Realmente o meio-ambiente suscita reações emocionais – dependentes ou não da nossa vontade.” (CULLEN, 1990, p. 10-11). Isso ocorre quando um indivíduo observa uma fotografia; por meio da visão, recorda ou cria um conteúdo paralelo através de seu repertório pessoal, voluntária ou involuntariamente.

As informações processadas e a percepção funcionam de modo cíclico, em um processo de retroalimentação de experiências, permitindo obter novas informações que podem influenciar vivências futuras. Uma criança, por exemplo, ao se queimar, se lembrará da dor na próxima vez que se aproximar do fogo, evitando-o.

Os filtros sociais e culturais, por sua vez, são apreendidos pelas experiências, vivências e convivências. São frutos das relações de um grupo em determinado lugar, e muitas vezes, indivíduos do mesmo grupo, compartilham as mesmas percepções, pois tiveram experiências semelhantes. Porém, o modo como essas percepções serão processadas na mente será diferente para cada um deles. As experiências podem ser vivenciadas de modo direto ou indireto, por meio de imagens e vídeos, por exemplo.

Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. [...] À medida que prosseguimos neste estudo, a abundância desnorteadora de perspectivas [...], torna-se cada vez mais evidente; e corremos o risco de não notar o fato de que, por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membros da mesma espécie, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira (TUAN, 1980, p. 6).

Ao se mover, o homem vivencia o espaço. Os pontos referenciais o auxiliam a reconhecer e identificar onde está e para onde vai. Esses elementos estão diretamente ligados à capacidade de ir e vir do sujeito em sua cidade. As localidades com grande quantidade de pontos referenciais e informações fazem com que a identificação e a escolha de

caminhos se tornem mais fáceis. Para que o local ou a cidade possam ser considerados lugares, é preciso que o homem crie relações com o ambiente e consequentes significados.

O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. [...] ‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As idéias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é a pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 3-6).

Segundo o autor (TUAN, 1980, p. 5), o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, é denominado topofilia. “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.” (TUAN, 1980, p. 114). Quem nasceu ou cresceu em uma cidade, por exemplo, pode ter uma determinada afeição por ela, diferente das pessoas que a conheceram mais tarde. Por isso, o visitante e o nativo focalizam aspectos diferentes do meio ambiente. O visitante vê com outros olhos a cidade, vê como novidade. Isso não significa que só os nativos possam ter amor por uma cidade.

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes (TUAN, 1980, p. 74).

A topofilia seria uma aparente simpatia com o mundo vivenciado, e pode ser descrita como sentimento positivo pelo ambiente, que faz o indivíduo senti-lo e experimentá-lo com prazer. Tuan (1980, p.106), descreve topofilia como sendo a “compreensão de todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Relação existente entre o indivíduo e o espaço, sentimento de afeição ou identificação para com o lugar.

Essa sensação de identificação com o ambiente, sintonia e sentido de localização faz o ser humano pensar: “estou aqui”, “vou para lá”, e um pressupõe a existência do outro. Kevin Lynch (1997, p. 12-13) trabalha a percepção da cidade relacionada à conduta e à identidade. Ele se baseia em três conceitos para isso: o da *legibilidade* – medido pela facilidade com a qual os “locais” são reconhecidos – o da *imageabilidade* – qualidade que define se um objeto físico tem maior probabilidade de ser percebido – e, por último, o conceito da *identidade, estrutura e significado*, que permite ao observador primeiro: a

identificação do objeto físico, distinguindo-o dos demais; segundo: a compreensão de sua estrutura e/ou localização espacial e, por fim, o desenvolvimento de uma significação prática ou emocional com o espaço.

A imageabilidade é a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. Ela facilita a criação de imagens mentais identificáveis. “Uma boa imagem ambiental oferece ao seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional [...]. Isso é o extremo oposto do medo que decorre da desorientação.” (LYNCH, 1997, p. 5).

Qualquer exposição visual da vida contribui para intensificar a imagem da cidade, seja uma grande ponte, uma rua ou avenida. As formas da cidade também podem expressar pontos focais, circulação. “A presença da via pode ser evidenciada pela colocação de marcos visíveis ao longo dela, ou por outros tipos de indicadores.” (LYNCH, 1997, p. 108). Se o indivíduo cria um hábito ou desenvolve uma atividade relacionada a uma rua ou via, ela pode tornar-se importante a seus olhos.

A realidade é fruto da experiência, criação de pensamento e sentimento do sujeito, e a cidade é mais que um somatório dos seus habitantes, “é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de felicidade que leva a maioria das pessoas a preferirem [...] viver em comunidade a viverem isoladas”. (CULLEN, 1990, p. 9).

Em qualquer localidade onde existir pessoas, haverá sempre o lar de alguém com o significado afetivo que o cerca. O corpo e a mente reagem não só ao estímulo em si, mas a todos os símbolos associados a lembranças passadas e experiências vividas. Para Santos (1997), entende-se por paisagem tudo que o homem vê, incluindo movimentos, odores, cores e sons. A dimensão da paisagem, e do lugar, é, dessa maneira, também uma dimensão da percepção.

Esse fluxo de informações e percepções que o indivíduo troca com o ambiente, a identificação e a topofilia que a cidade ou um lugar de vivência pode gerar, serão abordados na análise da relação de Omeletino Benatto com Londrina por meio de fotografias da época de sua colonização. O pioneiro relata acontecimentos após observar imagens, e descreve os lugares com riqueza de detalhes, evidenciando o modo como se reconhece nas ruas e o sentimento de fazer parte da cidade.

4.1 A INFLUÊNCIA DA CIDADE NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

O ser humano tem a necessidade de recorrer a imagens do passado, estabelecer relações. O sentimento de dominar o passado, ter a consciência de onde veio e para onde vai trazem a sensação do enraizamento, descrita por Simone Weil (2001) como necessidade vital do ser humano mais difícil de ser definida. Seria a necessidade que cada pessoa tem de estar plenamente integrado em sua coletividade, em seu território e em sua história. Para ela:

Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes (WEIL, 2001, p. 43).

As imagens do passado são de grande importância para a memória e para o sentimento de enraizamento, pois são produtos de sensações imediatas e de experiências passadas e, muitas vezes, estão ligadas a história e a identidade do homem. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” (LE GOFF, 1996, p. 476).

Castells (2000) define identidade como a fonte de significado e experiências de um povo. Seria um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, considerando que toda identidade é socialmente construída em um contexto marcado por relações de poder. O autor (CASTELLS, 2000, p. 24) propõe uma distinção entre formas e origens de identidades, e cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que diz respeito à constituição da sociedade.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2005) se volta para a crise de identidade e as mudanças nas percepções de como é concebida a identidade cultural, ocasionadas pelas transformações da sociedade e pelo processo de globalização, que alterou as noções de tempo e espaço.

O efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, acima e abaixo do nível do estado-nação (HALL, 2005, p. 73).

As nações, para Hall (2005, p. 62), são como comunidades imaginadas, que são perpetuadas pela memória do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança. Na desconstrução da ideia de cultura nacional como identidade unificadora, o autor afirma que, na realidade, as culturas nacionais "são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural".

Assim como a ideia de nação perpassa a formação da identidade, socialmente e culturalmente construída, e apesar do "afrouxamento" das identificações da cultura nacional, a percepção dos lugares de vivência e da cidade influenciam os processos identitários. Cada pessoa produz uma série de associações com algumas partes de sua cidade, e a imagem de cada uma está impregnada de lembranças e significados. Os habitantes não são meros observadores, mas sim "parte" do lugar, e uma boa imagem do ambiente lhes oferecem um importante sentimento de segurança emocional.

Com essa segurança, o sujeito pode estabelecer uma relação harmoniosa com o mundo à sua volta, em oposição ao medo da desorientação e ao caos desagradável, que pode ser gerado pelo excesso de mudanças e significados ou pela falta de mudança e ausência de significados, na qual se perde a relação com o tempo e seu direcionamento. "Quando percebemos e nos atentamos para um objeto com determinado reparo e cuidado, estamos identificando-o, trazendo dele o diferente, captando sua aura, tornando-o único. Por um instante, a fotografia faz o moderno e cria o passado." (ANDRADE, 2002, p. 118).

A fotografia de cidade e de arquitetura tem a capacidade de trazer à tona lembranças e sentimentos em relação ao lugar, pois faz ressaltar aos olhos detalhes significativos do passado. Essas sensações são variadas em diferentes indivíduos, de acordo com sua vivência. O detalhe da entrada de um hospital, por exemplo, traz à lembrança de seu zelador o trabalho, e à de seu ex-paciente, a doença.

Além disso, pontos referenciais e ícones também podem suscitar memórias por sua importância para a cidade e para seus cidadãos. No dia-a-dia servem como pontos de identificação de um trajeto ou percurso, como, por exemplo, grandes construções, prédios significativos como hospitais e escolas, cruzamentos importantes e monumentos. Dessa maneira, o registro fotográfico da cidade pode ser abordado como um detonador de memórias em relação à experiência no lugar e às lembranças do passado.

4.2 DIFERENTES FORMAÇÕES DE CIDADES

O termo cidade é utilizado para designar uma área urbanizada contiguamente ou uma área político-administrativa. O crescimento da cidade pode ser controlado apenas parcialmente, com projetos de ruas e infraestruturas, e é contínuo, não existe um final, mas sim uma sucessão de fases, sendo as vias o meio mais eficiente de tornar o todo ordenado.

A industrialização foi o fator mais importante para o processo de rápida urbanização que ocorreu desde o século XVIII, fazendo com que uma parcela significativa da população mudasse para áreas citadinas. Antes disso, na época feudal, as cidades eram organizadas em torno dos castelos, de modo circular.

Na queda do Império Romano do Ocidente, início da Idade Média, houve um período de desurbanização na Europa. Invasões e saques fizeram com que a população mudasse para o campo, resultando no desaparecimento de algumas cidades e no surgimento de pequenos burgos, de forma não planejada. Essa descentralização do poder deu origem ao sistema feudal, e as cidades medievais surgiram quando o excedente da produção passou a ser comercializado.

Muralhas eram construídas cercando esses burgos, deixando-os com o formato de um alvo. O traçado era radiocêntrico e todas as vias convergiam para o ponto central, onde ficava a catedral, o templo e a praça do comércio. As cidades europeias que surgiram nessa época eram, dessa maneira, organizadas de modo circular.

Posteriormente, surgiram as bastides, cidades planejadas edificadas em campo aberto, com plano urbano geométrico definido por quadras. Porém, muitos modelos de bastides planejadas não foram construídos. Cidades planejadas recentemente, como Londrina, seguem esse plano geométrico que define quarteirões, e são organizadas por um conjunto de vias estabelecidas.

Um londrinense que circula pelas ruas de Paris, por exemplo, pode se perder facilmente. A cidade tem traçado radiocêntrico, e o conceito de quadra, como se conhece em Londrina, não existe. A cidade se divide em 20 vizinhanças diferentes chamadas *arrondissements* (bairros), distribuídos em forma de espiral, no sentido horário (Figura 1).

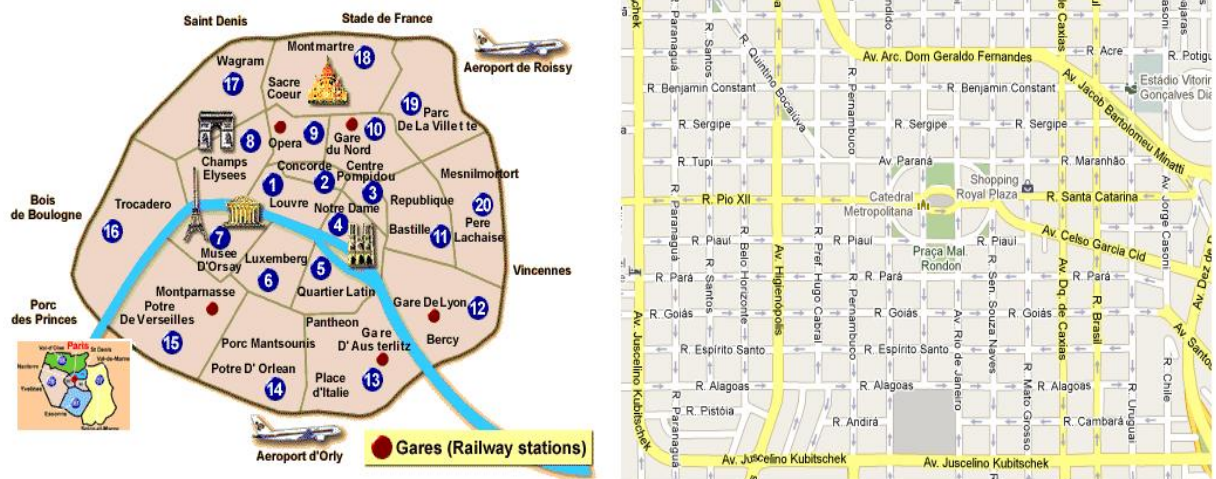


Figura 1- Comparação da divisão de Paris em *arrondissements* à esquerda e do mapa do centro de Londrina à direita

Fonte: Travelling e Google Maps

O indivíduo, acostumado com as quadras, pode entrar em uma rua, esperando virar na rua seguinte e contornar o quarteirão, o que não acontece. Paris será, para essa pessoa, identificada como um não-lugar, onde ela não se identifica e não se reconhece. A mesma coisa aconteceria com um parisiense ao visitar Londrina. Esse é um dos motivos pelo qual o turista pode não se reconhecer no lugar visitado, considerado para ele, um não-lugar.

Se esse mesmo londrinense fosse para outra cidade como Curitiba (PR), planejada com o mesmo conceito de quarteirão, ele reconheceria a cidade como um lugar, onde ele se identifica, se reconhece e se localiza. A formação das cidades influencia, desse modo, na orientação, na identificação do local como lugar ou como um não-lugar e na relação de pertencimento entre o indivíduo e o ambiente.

5 A HISTÓRIA DE LONDRINA

Os primeiros pesquisadores a escrever sobre a história de Londrina não utilizaram imagens para analisar e descrever a cidade ou a vida de seus habitantes. Outros as reproduziram sem citar autoria ou o acervo ao qual pertencem. As obras que trabalham no sentido de organizar os dados sobre Londrina, como o livro do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina e da Associação Pró-Memória de Londrina e Região, utilizaram a fotografia e a ilustração para narrar os primeiros anos da colonização, nas décadas de 30 e 40. Já os autores recentes, dentre eles os pesquisadores Humberto Yamaki, João Batispta Bortolotti e Paulo César Boni, utilizam a fotografia como fonte para a recuperação histórica.

5.1 PRIMEIROS PASSOS

A terra fértil do Norte do Paraná despertou interesses imobiliários da então recém-criada Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), sediada em São Paulo. Entre 1925 e 1927, ela adquiriu 515 mil alqueires paulistas, o equivalente a um milhão, duzentos e trinta e seis mil hectares na região. Com recursos financeiros e um programa de colonização criteriosamente elaborado, a CTNP deu início, em 1929, à etapa mais difícil desta empreitada: lotear e povoar a imensa mata atlântica.

O loteamento em módulos de 3 a 30 alqueires paulistas possibilitava que colonos sem grandes recursos pudessem comprar seu lote, cujo pagamento era facilitado. Todo o Norte do Paraná desenvolveu-se a partir do crescimento da cidade pólo que era Londrina. Foram lançadas as bases do sistema ideal de agricultura, de forma a que todos tivessem a sua propriedade – o que hoje se deseja para os mini-agricultores sem terra. O modelo estabelecia pequenos lotes e estrada na porta, próximos de áreas urbanas e que seriam pagos em prestações. Arthur Thomas, gerente-executivo da Companhia e que detinha o poder de decisão, instituiu juros módicos e jamais executou devedor em atraso. Processou-se espontaneamente um clima de confiança (MACARINI, 2004, p. 61).

A primeira caravana de desbravadores³ que chegou à região partiu de Ourinhos, interior de São Paulo, em agosto de 1929. O grupo era formado por pouco mais de dez homens, número pequeno considerando o tamanho da empreitada. Um caminhão Ford trouxe os desbravadores até Jataizinho, onde acabava a estrada. A partir dali a única forma de vencer a mata era sobre o lombo de burros e mulas. Depois de uma noite de descanso o grupo retomou a missão e vinte dois quilômetros à frente ouviu-se a voz de Alexandre Razgulaeff: “Chegamos!” (MACARINI, 2004, p. 67). Rapidamente foi aberta uma clareira no meio da floresta e dois ranchos de palmito foram construídos onde hoje fica o Marco Zero de Londrina, ao lado da avenida Theodoro Victorelli, próximo à atual Estação Rodoviária.

A região contava com muitas minas d’água, o que explica o primeiro nome do povoado: Patrimônio Três Bocas – distrito de Jataizinho. Logo depois outras caravanas chegaram.

As primeiras datas urbanas, em numero de 15, foram adquiridas pelos srs. Alberto Kock, João Oberhauser, Harold Mayers, Miguel Kolceh, Joseph Johanes, Frederico Grieger, Joseph Schubert, Noel Farquhar, Elias Dequech, Felício Botaro [...]. Os primeiros dez compradores de lotes agrícolas foram os srs. Mitsugi Ohara, Tochio Tan, Nasaharo Chara, Masahico Tomita, Juichi Yamato, Michael Lischa, Fritz Schammet, José Petrowski, Balthasar Haber e Gustavo Waff (COUTINHO, 1959, p. 62).

Os japoneses foram atraídos pela propaganda do corretor de terras Hikoma Udihara, que divulgava as maravilhas do solo vermelho. O agenciador trabalhava para a CTNP e convencia japoneses, principalmente do interior de São Paulo, a investir nas terras produtivas do Norte do Paraná. Árvores da região como peroba rosa, pau d’alho, figueira branca, foram utilizadas na construção de casas. Sem serrarias, que só chegariam em 1933, os troncos eram derrubados a golpes de machado e serrados manualmente, o que despendia horas de trabalho.

O pesquisador e arquiteto Humberto Yamaki explica que as casas de madeira não seguiam um padrão de construção, mas apresentavam algumas características da tradição e da origem de cada construtor:

Boa parte dos imigrantes conhecia os rudimentos de carpintaria e trazia algumas ferramentas em sua bagagem, possibilitando a extensiva prática da construção em mutirão. Em 1934 a propaganda da Casa Caetano falava da venda de 58 caixas de machados ‘Colins’, 384 foices ‘Minatti’ e 291 enxadas em Londrina. [...] Vendiam-se mais machados que enxadas (YAMAKI, 2006, p. 28).

³ Utiliza-se o termo desbravadores não em tom heróico, apenas com o intuito de indicar que foram os primeiros homens a chegar ao local onde foi construída a cidade de Londrina.

Mas não demorou para as casas de alvenaria, ainda que em número bastante tímido, despontarem em meio às construções de madeira. Uma das primeiras residências do material inaugurou a Higienópolis, avenida idealizada e projetada graças à insistência de um funcionário da CTNP. “Eugênio Victor Larionoff, acompanhado de George Craig Smith, procurou Arthur Thomas e pediu que fosse aberta uma grande avenida, inspirada no bairro aristocrático de Higienópolis, em São Paulo, onde residia sua família.” (ALMEIDA, 1995, p. 17). Em 1936, quando a casa de alvenaria de Larionoff foi inaugurada, estava de fato criado um dos endereços mais representativos da burguesia de Londrina.

Alguns anos depois, em 18 de março de 1939, foi assinado pelo então prefeito substituto, Sr. Adriano Marino Gomes, o Decreto nº 29 que proibiu o uso de madeira na construção, reconstrução e aumento de casas.

5.1.1 A Infraestrutura e a Atividade Econômica

No início da década de 30, a Companhia de Terras providenciou a infraestrutura necessária para uma vida em comunidade, como serviços básicos e água encanada, para atender os primeiros moradores do povoado.

À proporção que nas pranchetas dos engenheiros ia sendo delineada a cidade com suas ruas e praças, já a Companhia de Terras, em outra seção traçava o plano da distribuição de água potável, cuja captação originária foi feita numa fonte perto do matadouro, indo os canos buscar o líquido, por meio de um pequeno túnel no seio da própria montanha que ali se erguia. Desde 1933 se faziam as primeiras ligações às datas que iam solicitando. [...] Até Dezembro de 1933, fez-se 288 ligações; em 1934, Dezembro, 425 [...] (COUTINHO, 1959, p. 85).

A geração de energia elétrica foi outra tarefa pioneira da CTNP. Em 1933, ela “instalou, a título precário, em suas oficinas à Rua Maranhão, quadra 18, um motor Deutz a óleo cru, de 12HP com o gerador equivalente, passando assim a ser inaugurada a luz elétrica”. (COUTINHO, 1959, p. 80). Mas a potência era suficiente para iluminar apenas seu escritório e as casas dos mais ilustres moradores como as do:

[...] diretor-gerente e do diretor técnico, respectivamente Sr. Arthur Thomas e o Dr. Willie Davids, além das instalações nas residências de alguns funcionários. [...] Mas a cidade crescia, irradiava-se rapidamente. Considerando isso e seguros do grande futuro de Londrina, os srs. Gastão de Mesquita Filho e Roland Davids, decidindo aumentar a capacidade do fornecimento de luz, com potencial suficiente, organizaram a firma Mesquita & Davids, passando esta a suceder a primitiva concessão (COUTINHO, 1959, p. 80).

Em 1936, Gastão de Mesquita Filho e Roland Davids fundaram a Empresa Elétrica de Londrina Sociedade Anônima (EELSA) e começaram “a planejar o fornecimento de energia elétrica para Londrina e a construir usinas hidrelétricas de pequeno porte.” (BONI, 2004, p. 75). Foi o caso da usina construída no ribeirão Cambé, em 1939, que gerava “200 kW de energia, o suficiente para atender a uma população de cerca de seis mil habitantes.” (BONI, 2004, p. 75). Mas, em 1938, um ano antes do funcionamento dessa usina, foi inaugurada a iluminação pública na cidade no trecho de duas quadras da atual avenida Paraná entre a rua Minas Gerais e a avenida São Paulo. A inauguração foi um grande evento para os moradores. Nessa época, a energia ainda era gerada por motores a vapor.

Outra preocupação dos colonizadores eram as estradas. Homens trabalhavam para abri-las em meio à mata densa. Machados e foices desenhavam clareiras, num trabalho difícil e demorado. Afinal era preciso derrubar árvores centenárias de troncos majestosos apenas com a força humana ou animal.

Lentamente as picadas se alargavam para serem transformadas em acessos ao povoado que surgia. E foi por eles que passou o primeiro transporte motorizado trazendo “imigrantes e colonos de Jataizinho para Londrina, e vice-versa, feito gratuitamente em dois caminhões velhos.” (BONI, 2004, p. 88) – um serviço prestado pela CTNP. Alguns anos depois, a Companhia de Terras abriu uma espécie de concessão do serviço de transporte, assim como fez com a energia elétrica. Em 1934, duas famílias se juntaram e da sociedade nasceu a Companhia Rodoviária Heim & Garcia. “De início, a empresa operou com apenas um ônibus, estilo jardineira, e somente uma linha [...]. Essa jardineira e as demais que vieram a se somar à frota da empresa na primeira década de atividades receberam carinhosamente o apelido de ‘Catita’.” (BONI, 2004, p. 90).

A chuva e a lama dificultavam as viagens entre Londrina e Jataizinho. Nessas áreas, a terra demorava a secar por conta da umidade das árvores ao redor. “Catitas” e carros atolados eram cenas comuns à época.

A Companhia Heim & Garcia sobreviveu por apenas dois anos. Em 1934, a família Heim saiu do negócio e foi substituída por mais um Garcia, de outra família, a Garcia Villar. A nova sociedade passou a se chamar Empresa Rodoviária Garcia & Garcia.

A abertura de estradas e ruas, a instalação de energia elétrica, as primeiras captações e fornecimento de água encanada para o povoado, e todas as demais obras do início da colonização passaram pela aprovação e foram patrocinadas pela CTNP. Afinal, atrair compradores para povoar o Norte do Paraná era o seu negócio e, para ser bem sucedido, eram necessárias estradas mais ágeis. Em 1935, a colonizadora conseguiu vencer um dos seus maiores desafios: trazer o trem para a cidade. Foram três anos para trilhar pouco menos de trinta quilômetros, posto que a estrada de ferro já havia chegado a Jataizinho. O grande empecilho era o rio Tibagi, que exigiu a construção de 294 metros de ponte sobre suas águas.

“A estratégia do planejamento inglês consistia na construção da ferrovia aliada à subdivisão de pequenos lotes rurais e a implantação de núcleos urbanos de apoio equidistantes uns aos outros, para abastecimento e prestação de serviços”, explica João Baptista Bortolotti (2007, p. 61). Londrina era um desses núcleos de apoio. Com a chegada do trem à cidade o comércio pôde ser provido com mais variedade e regularidade. Os seus vagões passaram a trazer novas mercadorias e a levar o excedente da produção dos agricultores que então poderiam dispensar as mulas, burros de sela e carroças no envio das sacas de milho, café, feijão e arroz, a outros mercados.

Nos primeiros anos a produção agrícola era a única fonte de renda de muitas famílias e “a emergente atividade agrícola exigia uma forma rápida, eficiente e segura de escoar a produção”. (BONI, 2004, p. 27). A chegada do trem também deu mais visibilidade ao novo município que nascia: “o caminho de ferro e as rodovias [...] atravessando as matas [...] operaram o milagre da transformação do inóspito sertão.” (MACARINI, 2004, p. 51).

Aos poucos o povoado foi ganhando ares de certa organização. Desde 1930, Londrina contava com o Hotel Campestre, construído pela CTNP para abrigar os visitantes que chegavam em número cada vez maior, dia após dia. Em 1931, surgiu a Pensão Familiar, inaugurada por Eugênio Brugin e localizada onde hoje é a avenida Celso Garcia Cid. Foi o pesquisador Humberto Yamaki quem melhor descreveu estas pensões e hospedarias. Segundo ele, eram “edificações simples de madeira, nem sempre construídas para este fim. Possuíam basicamente um refeitório de uso comum e pequenos quartos com camas.” (YAMAKI, 2006, p. 86).

Os armazéns de secos e molhados atendiam a cidade inteira e tinham diversidade de produtos. A primeira casa de comércio, do alemão Alberto Koch, fornecia

fósforos, material de costura, papéis etc. Foi construída na esquina da rua Duque de Caxias com a avenida Paraná. O armazém de Carlos Strass, no Heimtal, atendia à maioria dos colonos, inclusive durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Quase ao mesmo tempo, David Dequech montou o primeiro armazém de secos e molhados que, em parte e por tempo determinado, serviu para abrigar o início das Casas Pernambucanas.

A Casas Pernambucanas, especializada na venda de tecidos, foi inaugurada em 1935, na esquina das avenidas Paraná e Rio de Janeiro, no mesmo local em que funciona até hoje. “A vinda da loja foi uma conquista para a cidade, pois não se tratava de uma lojinha de esquina [...] mas sim do braço de uma organização empresarial de nível nacional”, explica o pesquisador Paulo Boni (2004, p. 376). Um ano depois, em 1936, outro grande empreendimento abria as portas na cidade: era a Casa Fuganti, que vendia vários tipos de produtos, entre eles, armas e munições, secos e molhados e ferragens. “A empresa se estabeleceu na esquina das atuais avenidas Celso Garcia Cid e rua Senador Souza Naves.” (BONI, 2004, p. 378).

A primeira agência bancária de Londrina – a Caixa Econômica Federal do Paraná – surgiu em 1936, na esquina das ruas Benjamin Constant e Minas Gerais (ALMEIDA, 1995, p. 83). Logo os bancos privados também se interessaram pelo novo mercado que emergia. Dois anos depois de instalada a Caixa Econômica chegava a Londrina o Banco Noroeste do Estado de São Paulo, que se localizava na avenida Rio de Janeiro, entre as ruas Sergipe e Benjamin Constant. (ALMEIDA, 1995, p. 83). Em fevereiro de 1938, a inauguração do banco reuniu autoridades, comerciantes e produtores rurais.

As melhorias na infraestrutura serviam de propaganda para a CTNP. Yamaki (2006, p. 4) transcreve um trecho de um dos folhetos de propaganda publicado em 1935:

A terra é roxa, e toda revestida de matas virgens. A saúva, a praga mais terrível das zonas cafeeiras, não existe. O clima é muito próprio para qualquer nacionalidade. Em Londrina existem muitos melhoramentos como água encanada, luz elétrica, hospitais, médicos, escolas, cinema, bons hotéis etc. Custeio de passagem de Ourinhos até Londrina ao comprador e sua família, além do transporte da bagagem.

Ainda no início da década de 30 foram elaborados os primeiros decretos e leis municipais de regulamentação urbana. “Em 29 de janeiro de 1935 foi aprovado o Decreto Lei nº. 9 assinado pelo Prefeito Joaquim Vicente de Castro, que normalizava os serviços de alinhamento, nivelamento, construções, reconstruções e demolições de prédios nas zonas

urbana e suburbana.” (BORTOLOTTI, 2007, p. 88). Embora fosse uma cidade de apenas cinco anos, construída em uma clareira no meio da mata, já havia preocupação com a limpeza e a estética.

5.1.2 Atividade Política

Em 1932, o Patrimônio Três Bocas passou a ser chamado de Londrina. Mais dois anos e a nova cidade conseguia sua emancipação de Jataizinho. Era, oficialmente, um município. Segundo o primeiro número do jornal *Paraná Norte*, datado de 9 de outubro de 1934, a cidade, nesta época, possuía 554 casas e a população era de 1.346 habitantes. E já em 1934 não havia consenso entre os donos do poder. Quando o Decreto nº. 2.519, de 3 de dezembro de 1934, criou o município, surgiu, automaticamente, o mais importante cargo político local: o de prefeito. E foi difícil encontrar um nome que agradasse ao Governo do Estado e aos moradores de Londrina.

O povo, em ansiosa expectativa [sic], aguardava a nomeação de seu natural candidato. Entretanto, com surpresa geral e desengano bastante lastimável, apresentou-se no povoado, inesperadamente o Dr. Joaquim Vicente de Castro para empossar-se e assumir o cargo de prefeito de Londrina no dia 10 do mesmo mês, sucedendo ainda que o nomeado era pessoa completamente desconhecida do local (COUTINHO, 1959, p. 8).

O natural candidato que contava com o apoio popular era o Sr. Carlos de Almeida, um dos primeiros colonizadores da cidade, ligado à extração e comércio de madeiras. Almeida também tinha o aval da CTNP “que até então administrava extra-oficialmente o ‘patrimônio’ [...] e gostaria que fosse nomeado alguém de sua confiança, pois sabia que, com a criação do município, poderia passar de credor pelos serviços prestados a devedor dos impostos municipais.” (BONI, 2004, p. 104). Já o Governo do Estado, além de querer parte dos impostos, também “antevia se tratar do pólo mais importante no processo de abertura e colonização do Norte Novo” (BONI, 2004, p. 104), motivos que levaram o interventor federal no Estado do Paraná, Sr. Manoel Ribas, a nomear alguém de sua confiança. Em 10 de dezembro de 1934, o ponta-grossense Joaquim Vicente de Castro tomou posse como o primeiro prefeito de Londrina.

A agitação no povoado, contrário a esta nomeação, cresceu com rapidez e foi tão veemente que o mandato de Castro durou menos de seis meses. “O primeiro prefeito de Londrina [...] recebeu a desaprovação da cidade já rebelde, porque ele não tinha vínculo com a curta história da então civilização que florescia.” (MACARINI, 2004, p. 332). Joaquim Vicente de Castro foi substituído por outro nome do governo, Rosalino Fernandes, que veio de Curitiba para ficar em Londrina também por aproximadamente seis meses, até que o município fizesse suas primeiras eleições diretas.

Em 12 de setembro de 1935, em todas as cidades do Paraná, foram realizadas eleições para prefeito e vereador. Pela primeira vez no país, as mulheres puderam votar. Em Londrina havia 283 eleitores aptos a votar, segundo o jornal *Paraná Norte*, e 221 compareceram à urna para eleger Willie Davids, do Partido Social Democrático (PSD), para prefeito e mais seis vereadores para ocupar as seis vagas na Câmara. O mandato era de cinco anos e a cerimônia de posse de Willie Davids e dos vereadores foi realizada no dia 20 de janeiro de 1936. Porém, o então prefeito já estava atuando no cargo desde 2 de dezembro de 1935.

O território de Londrina se estendia até Apucarana e, em sua gestão, o prefeito abriu estradas, construiu pontes, criou escolas municipais em Nova Dantzig (hoje Cambé), Rolândia, Arapongas e Apucarana, ampliou a rede de água encanada, instalou iluminação elétrica, encampou um matadouro municipal de gado bovino, abriu o campo de aviação no patrimônio Espírito Santo, ajardinou praças, adquiriu tratores e caminhões irrigadores e implantou serviços públicos, principalmente o de Higiene (MACARINI, 2004, p. 333).

Zortéa (1975, p. 191) relata que no início Londrina era como uma família, vivendo na mais pura harmonia e que Willie Davids desfrutava de prestígio sem par, junto ao povo londrinense. “Tratava-se de cidadão culto e simples, cuja idade mediava aos cinquenta e poucos anos. [...] Engenheiro Civil que era, dirigia a Colonizadora na parte técnica e secção de vendas de terras. A Companhia estava praticamente entregue em suas mãos.”

Vale ressaltar que sete meses antes do fim do mandato, Willie Davids foi exonerado do cargo pelo Interventor Manoel Ribas. Davids havia sido acusado informalmente por inimigos políticos de ter misturado o dinheiro público com o privado, “ele não havia se desligado do cargo de diretor técnico da Companhia de Terras para exercer o de prefeito”. (BONI, 2004, p. 121). O ex-prefeito não viveu muito tempo para planejar seu retorno à política. Morreu no dia 10 de junho de 1944.

5.1.3 Fotógrafos Pioneiros

Contar a história de Londrina, assim como de muitas outras cidades, não é tarefa simples. Para reconstituí-la é necessário recuperar depoimentos, registros dos pioneiros, fotografias e textos de jornais. No caso de Londrina, o único impresso da época era o jornal *Paraná Norte* – um periódico editado e redigido por seu proprietário, Humberto Puiggari Coutinho. O primeiro exemplar circulou em outubro de 1934 e o jornal foi impresso por mais de oito anos, ininterruptamente. Em suas páginas estão importantes acontecimentos do Norte do Paraná.

Outra fonte de pesquisa é o acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss que conta com mais de 50 mil peças dentre elas fotografias (muitas delas da década de 30), coleção de filmes de 16 mm produzida por Hikoma Udihara nas décadas de 40 a 60, negativos de vidro, dentre outros. Esses vídeos e fotografias recebem cuidados especiais, são diagnosticadas quando chegam ao museu e higienizados, se necessário. Especialistas analisam o papel fotográfico, sua acidez e, após o tratamento, são acondicionadas em recipientes específicos.



Figura 2 - A primeira fotografia de Londrina. Fotografia: George Craig Smith

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Dentre as coleções destacam-se as fotografias de José Juliani, fotógrafo oficial da Companhia de Terras Norte do Paraná, as de Theodor Preising e os álbuns de fotografias de George Craig Smith, chefe da “caravana de desbravadores”, que registrou as primeiras imagens da região. Em 1929, por exemplo, Smith fotografou a clareira aberta na mata com a chegada da primeira caravana, da qual fazia parte, e os dois primeiros ranchos de palmito (Figura 2).

Nos primeiros anos da colonização de Londrina, não havia a preocupação de registrar os acontecimentos para a posteridade, mas sim de divulgar a venda das terras para possíveis compradores. Os fotógrafos pioneiros, que muitas vezes trabalhavam para a Companhia de Terras, tiveram grande importância para a memória da cidade. Eles retrataram a chegada das primeiras caravanas, imigrantes, a vida social e os grandes acontecimentos das primeiras décadas.

George Craig Smith, integrante do primeiro grupo que chegou à região, em 1929, fotografou a construção de casas e seus habitantes. Seus registros são os mais antigos da história do município. Theodor Preising é outro nome que merece destaque. Apesar de pouco se saber sobre suas passagens por Londrina, ele fotografou o desmatamento, casas e cenas do cotidiano. “(Provavelmente britânico), Theodor Preising, que vinha esporadicamente de São Paulo (SP) para produzir as fotografias usadas para ilustrar os relatórios que [a CTNP], enviava à matriz na Inglaterra, e serviram para propagandear seu empreendimento imobiliário [...]” (BONI, 2004, p. 250-251). Ainda segundo Boni (2004, p. 252), “Preising era fotógrafo profissional na capital paulista, onde mantinha o Photo Rotativo”.

Para vender seus lotes de terras, a CTNP fazia propaganda com imagens da região e do empreendimento imobiliário em outras partes do Brasil e também na Europa. Após fixar seu escritório em Londrina, contratou o fotógrafo austríaco Hans Kopp, que produzia álbuns com imagens das matas, da terra fértil e da infraestrutura do lugar. Esses álbuns percorriam o país nas mãos de corretores em busca de novos compradores. Kopp, assim como Preising, vinha esporadicamente para Londrina fazer as imagens.

Ernest Rosemberg, engenheiro da CTNP, precisou de uma fotografia do Ribeirão Cambezinho em 1933, para enviar aos ingleses e convencê-los a construir ali uma turbina geradora de energia. No dia marcado, Hans Kopp não apareceu para fazer o registro. Em busca de uma alternativa, Rosemberg foi até uma casa de madeira que tinha na frente afixada uma placa indicando “Photo Studio”. José Juliani, proprietário do estúdio, soube aproveitar a oportunidade e fez a fotografia, que surpreendeu pela qualidade e ajudou a convencer os ingleses a construir a turbina. A CTNP dispensou o austríaco e contratou Juliani.

O fotógrafo José Juliani chegou a Londrina no dia 11 de março de 1933, vindo de interior de São Paulo. Aprendeu o ofício com um fotógrafo na cidade de Nova Europa (SP) e comprou dele o equipamento para ingressar na profissão. Trabalhava com negativos de vidro (muitos deles fazem parte do acervo do Museu Histórico de Londrina) uma máquina 13 x 18 e uma lente da marca Xenor. Ele registrou o crescimento e desenvolvimento urbano da cidade, principalmente na década de 30. Fotografou lavouras, matas, casas, estradas, vistas gerais de Londrina, eventos e seus personagens. Suas imagens ajudaram a narrar a história da região.

Os registros fotográficos também são fontes para recuperar a identidade de uma sociedade e reconstituir a vida de determinado local na época de sua colonização. Analisá-los é uma forma de perceber indícios deixados em diferentes espaços e tempos culturais. Kossoy (2002, p. 132) afirma que:

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo.

A imagem permite desvendar aspectos que não ficam claros em outras formas de registro. “Documentos iconográficos, inclusive, são importantes instrumentos de pesquisa e estudos iconológicos.” (BONI, 2007, p. 9). As imagens também ajudam a recuperar a história daqueles que não deixaram documentos escritos ou depoimentos.

[...] as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos [...] pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto *instrumento* de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica (KOSSOY, 2001, p. 55).

Em razão de sua possível publicação e/ou consulta, registros imagéticos podem ser consideradas importantes estratégias de democratização da história. Preservam as referências e lembranças dos indivíduos, documentando o cotidiano das sociedades. São também fonte para obter informações de épocas passadas ainda inéditas e ajudam a recontar a vida dos agentes da história. Neste trabalho, incitam e trazem à mente lembranças e acontecimentos vivenciados por um pioneiro de Londrina.

5.2 OMELETINO BENATTO E LONDRINA: HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM

Omeletino Benatto chegou a Londrina em 1934, oito meses antes da cidade ser emancipada. Ele tinha quatro anos de idade, e o município recém criado era colonizado desde a chegada da primeira caravana, em 1929. O pioneiro vivenciou a inauguração de estabelecimentos, a chegada de grupos de pioneiros e a vida em comunidade. Recentemente, ele começou a montar um livro com fotografias fotocopiadas e descrições de lugares, citando principalmente nome de ruas e localizações.

Para este estudo, foram selecionadas quinze dessas imagens e realizadas duas entrevistas⁴, nas quais se solicitava que o pioneiro falasse mais sobre os lugares e as pessoas retratadas. A pesquisadora teve papel de suscitar novas lembranças quando o conteúdo da imagem parecia esgotado e percebeu-se que, após uma série de dez imagens, o entrevistado começava a ter dificuldades para lembrar ou diminuía o número de informações recordadas.

Para facilitar a compreensão das informações contidas nos depoimentos, muitas vezes relacionadas a acontecimentos familiares, faz-se necessário um panorama sobre a origem do entrevistado.

5.2.1 Origem

Nascido em 12 de setembro de 1929, na cidade de Ipauçú (SP), Omeletino Benatto é o quinto dos nove filhos da família Benatto. Sua família é descendente de italianos de Treviso, no Norte da Itália. Seu avô, Pietro Benatto, imigrou para o Brasil acompanhado de seu irmão, Bortolo Benatto, em setembro de 1887. A primeira esposa de Pietro morreu durante a travessia do Atlântico e seu corpo foi lançado ao mar.

Já no Brasil os irmãos foram encaminhados para o setor da imigração, que funcionava no bairro Barra Funda, na capital paulista. Dali foram para um lugar chamado Belin Decalvado, hoje Santa Rita do Passa Quatro (SP). Posteriormente, outro irmão,

⁴ Foram realizadas, no total, seis entrevistas com o pioneiro. Em duas delas, ele foi abordado com o auxílio da imagem fotográfica. Nas demais, foram levantados dados sobre a biografia e a história da família.

Domênico Benatto, veio para o Brasil; porém Bortolo voltou para a Itália. Omeletino Benatto não sabe indicar ao certo o motivo, mas acredita que o tio avô não se adaptou ao país.

5.2.2 Família

Pietro e Domênico Benatto mudaram para o sertão paulista, para uma cidade chamada Fartura (SP) e passaram a ser colonos em lavouras de café. Nessa cidade Pietro Benatto conheceu sua segunda esposa, Maria Mion Gasparini, também imigrante italiana, com quem teve nove filhos, inclusive João Antônio Benatto, no dia 18 de setembro de 1897. Maria Gasparini também criou seus dois enteados, filhos do primeiro casamento de Pietro. Em 1919, a família mudou-se para outra fazenda no município de Botucatu (SP). Em 1921, João Antônio Benatto, aos 22 anos, casou com Josephina Furlan Simioni Lourenção, de 18 anos, em Botucatu. Do casamento nasceram nove filhos:

- 1- Oulivio Pedro Benatto, nascido em 31 de maio de 1922, em Ourinhos (SP).
- 2- Oulindo Benatto, nascido em 4 de março de 1924, em Ourinhos (SP) e falecido com mais ou menos dez meses de idade em Ipaucú (SP).
- 3- Oulinda Benatto, nascida em 23 de maio de 1925, em Ipaucú (SP).
- 4- Oulavo Benatto, nascido em 23 de maio de 1927, em Ipaucú (SP).
- 5- Omeletino Benatto, nascido em 12 de setembro de 1929, em Ipaucú (SP).
- 6- Ousverildo Benatto, nascido em 29 de setembro de 1931, em Ipaucú (SP).
- 7- Ouleonirda Benatto, nascida em 24 de janeiro de 1934, em Jataizinho (PR).
- 8- Oulevantina Benatto, nascida em 18 de maio de 1939, em Londrina (PR).
- 9- Ousvispertino Benatto, nascido em 21 de fevereiro de 1944, em Londrina (PR).

Em Botucatu e, posteriormente, em Ipaucú, João e Josephina Benatto foram colonos nas lavouras de café. Na cidade de Ourinhos, para onde mudaram em 1921, o patriarca trabalhou na serraria de Júlio Mori. Anos depois, o casal voltou a Ipaucú, e adquiriu um pequeno armazém de secos e molhados onde eram comercializados mantimentos, roupas e ferramentas. Com a crise de 1929, muitos colonos não conseguiram pagar o que deviam ao

armazém, muitos fazendeiros faliram e, assim como os Benatto, muitos comerciantes perderam tudo.

Em 1930, a Companhia de Terras Norte do Paraná anunciava a abertura de uma nova região no sertão norte paranaense. Em 1932, João Benatto fez um convite a seu cunhado português, Rodrigo Cardozo, para conhecer o Paraná e a região onde hoje fica Londrina. Omeletino Benatto explica que seu tio era muito calmo “um pouco medroso”, não queria vir porque não gostava de mato e por “medo das onças”.

Na segunda tentativa, Rodrigo Cardozo concordou em conhecer a região. Seguiram de Ipaucú até Cambará, onde pernoveram. A cidade tinha fama de “açougue humano”, pois lá ocorriam muitos assassinados. Durante a noite, Rodrigo e João Benatto ouviram tiros de revólver e, no dia seguinte, encontraram corpos assassinados. Rodrigo decidiu voltar, João Antônio Benatto o acompanhou.

Meses depois surgiu uma nova oportunidade de negócio para outro cunhado, Dionísio Striker, para assumir uma olaria na região de Jataizinho, cidade próxima de Londrina. Ele ofereceu a João Benatto participação no negócio e pediu que viesse antes, pois não podia sair da fazenda que morava em Cambará. Com a crise da época, o imigrante descendente de italianos decidiu aceitar. Omeletino Benatto não sabe precisar, mas afirma que Dionísio Striker veio posteriormente para a região, por volta de 1934.

O negócio consistia na compra de uma olaria, para fabricação de telhas francesas e tijolos comuns. Entre janeiro e abril de 1933, João Antônio Benatto fez o levantamento do inventário e tomou posse da olaria. Depois de poucos meses, a família também veio para Jataizinho. Josephina Lourenção Benatto reclamava muito, pois sua casa anterior era de alvenaria, tinha calçada, luz elétrica. Já a nova residência era de madeira de palmito, não tinha forro, e bichos e aranhas caranguejeiras ficavam penduradas perto da cama.

Ao deixar a olaria, João Antônio Benatto mudou-se com a família para Londrina em 25 de abril de 1934, e se estabilizou primeiro na rua Minas Gerais, esquina com a rua Piauí. A casa provisória não tinha forro, mas não tinha insetos e era mais nova que a anterior. João Benatto prometeu à sua esposa construir uma casa de alvenaria, com tijolos da olaria na qual trabalhava, que já estavam comprados. A obra foi iniciada em 1939, na rua Senador Souza Naves, 385, no centro de Londrina, e concluída em 1941.

5.2.3 Vida em Londrina

Já em Londrina, Omeletino Benatto passou por várias escolas primárias, mas não completou os estudos. Frequentou um grupo escolar onde funcionou o primeiro correio e o primeiro Colégio Mãe de Deus, em uma construção anexa ao armazém da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), onde hoje fica a Associação Comercial de Londrina - ACIL.

Em 1938 foi pegador de bolas no campo de tênis onde jogavam os funcionários da CTNP, local onde hoje está situada a Biblioteca Pública Municipal. Certa vez, ganhou como ordenado 22 mil réis, o que para a época era uma fortuna. Para se ter um parâmetro, um quilo de carne de pernil suíno custava em torno de 500 réis. Dentre os frequentadores da quadra estavam personalidades como Arthur Thomas, Luiz Estrela, Eugênio Larianoff e Ernesto Rosemberg, dentre outros.

Quando tinha dez anos, Omeletino Benatto conseguiu seu primeiro emprego na agência Chevrolet e, em um ano, obteve carteira registrada. Foram trinta anos trabalhando na empresa, da qual chegou a ser acionista. Mas o empreendimento, montado por José Ebiner, sofreu uma série de transformações ao longo dos anos, transformou-se na Autolon e fechou suas portas no final dos anos 60.

Em 5 de novembro de 1965, com 68 anos, João Antônio Benatto faleceu. Josephina Lourenção Benatto, por sua vez, faleceu em 11 de setembro de 1986, com 84 anos. Atualmente, Omeletino Benatto é tesoureiro da Santa Casa de Londrina, e participa da mesa administrativa do hospital desde 1988. Ele mora com duas irmãs, Oulinda, de 85 anos, e Oulevantina, de 70 anos, na casa construída por seu pai na rua Souza Naves, onde foram colhidos os depoimentos e entrevistas para este trabalho.

6 RELAÇÃO ENTRE SUJEITO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Na narrativa do sujeito, o cotidiano ganha forma de linguagem e as imagens traduzem formas de ser e viver. As histórias são revisitadas e as imagens fotográficas fixam um espaço-tempo de vida e de trabalho. Walter Benjamin (1994), em sua crítica à modernidade, evidencia o caráter central da memória na recomposição da experiência humana: onde há experiência, no sentido estrito do termo, entra em conjunção a memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.

A partir de suas narrações, Omeletino Benatto vai estabelecer suas relações de identidade e de pertença ao território. Para Benjamin (1994), o grande narrador tem suas raízes no povo e as melhores narrativas são aquelas semelhantes às histórias orais, contadas pelos narradores anônimos.

Para o pesquisador (BENJAMIN, 1989, p. 107) a perda da capacidade de narrar é uma consequência do esvaziamento da experiência do homem moderno. A narração não tem “a pretensão de transmitir um acontecimento pura e simplesmente, integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila”.

Benjamin (1994) distingue experiência de vivência: vivência seria a reação, uma ação que se esgota no momento de sua realização; experiência é a ação rememorada e compartilhada, que permanece para além do vivido. A vivência só passa a ter sentido depois de nossa inteligência ter articulado sua representação. A narração articula a memória ao ato de lembrar e torna comunicável a experiência, permitindo também a reflexão sobre o acontecimento descrito.

Em *Passagens* (BENJAMIN, 2007), o pesquisador destaca a figura do *flâneur* como um indivíduo que não procura conhecimento e sim experiência, e passeia usufruindo a cidade, sem destino, contemplando as ruas e seus passeios. Seu propósito é não ter urgência, ele perde-se no caminho e observa. Assim, o *flâneur*, “ser ótico” por excelência, reinventa a paisagem urbana através de suas articulações topológicas com o ambiente.

Mas na experiência moderna, o sujeito contemplativo deu espaço ao maníaco e, paradoxalmente, a mesma cidade que une, com suas amplas vias de circulação, distancia o homem moderno de seu próximo. Para contemplar a cidade, o sujeito deve se permitir observar, fazer ligações e rememorar o tempo passado, reencontrando sua tradição. Não é estranho que um turista identifique informações na paisagem que o morador de uma cidade,

que trafega por ali diariamente, não tenha observado. O olhar do turista é o olhar do contemplador, ou seja, do *flâneur*.

Para Martins (2000), a história tem dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro e com o lugar. Nos fragmentos de lembrança, é possível encontrar atravessamentos históricos e culturais, e por isso, o ato de lembrar pode ser também um ato político.

As fotografias do passado, de álbuns de família, evocam e transmitem recordações dos acontecimentos que merecem ser conservados porque retêm do seu passado as confirmações da unidade presente. (BOURDIEU apud LE GOFF, 1996). Além disso, revelam saberes fundados na memória que fazem crescer a história que, por sua vez, segundo Le Goff (1996), procura salvar o passado para servir o futuro.

Toda família tem um narrador, que transmite as histórias para as gerações futuras. Na família Benatto, esse narrador é o Sr. Omeletino Benatto, que aos 81 anos, recorda com riqueza de detalhes experiências sociais, histórias locais e lugares da cidade. São relatos pessoais, saberes não-oficiais, não institucionalizados, que representam a memória de um dos pioneiros de Londrina. A valorização desses microrrelatos, que dão um novo sabor à história, coincide com a corrente da nova história, e privilegia a apreensão do mundo pelo sujeito individual.

Para facilitar o reconhecimento das informações referentes às imagens, quando a citação fizer referência às descrições do “livro” de Omeletino Benatto, será assinalada como “descrição escrita”. Quando as citações fizerem referência aos depoimentos orais colhidos nas entrevistas, serão marcadas com o termo “entrevista”. As legendas utilizadas foram elaboradas pelo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

O primeiro ponto a ser destacado foi a constatação do entrevistado ao afirmar que possui uma lembrança fotográfica, ou seja, a lembrança que tem como base um meio. “Agradeço a Deus pelo fato de dar-me uma lembrança fotográfica, pois o que os meus olhos veem, quase nunca esqueço.” (BENATTO, 2010). Segundo Leite (SAMAIN, 2005, p. 35) a memória não filma, fotografa. Os indivíduos guardam fotografias mentais dos acontecimentos e não movimentos contínuos, mesmo quando são muito curtos, os gestos não aparecem em sua duração, mas fixos em uma fração de segundo.

A primeira fotografia (Figura 3) foi feita por José Juliani em um dia de festa no bosque da cidade. Os títulos das imagens trabalhadas, assim como suas cópias digitalizadas, foram fornecidos pelo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. A descrição escrita feita por Benatto em seu livro é a seguinte: “A presente fotografia retrata um

dia festivo no bosque ao lado da igreja, uma churrascada. Nota: o garoto assinalado sou eu. O outro assinalado é João Antônio Benatto. Época: mais ou menos 1934/1935”.



Figura 3 - Churrasco promovido pela Companhia de Terras. Fotografia: José Juliani, 1936.
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Quando a imagem foi apresentada durante a entrevista, o pioneiro acrescentou uma série de informações sobre o dia retratado:

Entrevista:

Isso é uma festa no bosque, onde a Companhia de Terras promovia [pausa] atraía o pessoal pra vender lotes. Você vê o pessoal com umas varas na mão, isso era espeto de carne. E aqui aparece meu pai [assinalado em azul à esquerda]. Eu estou aqui saboreando um pedaço de carne [assinalado em azul ao centro], descalço pé no chão, o ano 34 ou 35. Nesse bosque ao lado da igreja matriz, catedral, tem uma cerca agora. Essa aqui é uma das ruas que circula a igreja [aponta na foto e vira-se na direção da rua]. Nosso pé era grosso, de pele grossa, eu botei sapato a primeira vez que eu me lembre em 1938. Eu e a família, todo mundo era muito pobre, era difícil, viu. Quem veio pra cá nessa época, alguns espertalhões com dinheiro, vieram e sabiam investir. O resto era gente simples, que veio do sítio era o caso do meu pai. Esse aqui o Sr. Lupércio Luppi [assinalado em vermelho] era alfaiate, vivia de fazer roupa, ‘não é’? Esse senhor que aparece aqui é ‘seu’ Severo de Rodin Canziani [assinalado em amarelo], avô por parte de mãe do Alex Canziani [político local]. Foi coletor de rendas estaduais em Londrina. Os demais a gente não se lembra bem porque era tão ‘meninada’ da época. Era a Companhia que pagava, cerveja vinha de São Paulo, em sacos e ou então em caixas de madeira. Com a fotografia original eu posso identificar melhor as pessoas. Aqui eu tinha 6 pra 7 [anos]. Você vê a riqueza de palmitos que tinha na época, o bosque era cheio de palmito (BENATTO, 2010).

A fotografia, aliada à história oral, enriquece o discurso e suscita a memória do entrevistado, tornando as informações mais ricas em detalhes. Com a história oral, os aspectos ocultos das experiências vividas, sob diferentes circunstâncias, encontram expressão e adquirem sentido social. As narrativas do cotidiano das pessoas comuns se realizam como história e as memórias recriam o sentido das imagens e refazem os sentidos da experiência.

Na descrição, o pioneiro utiliza pontos de referência, estruturas espaciais informativas, para localizar a pesquisadora como “ao lado da igreja” e gesticula para explicar o sentido da rua que circula a igreja, voltando-se para aquela direção. Percebe-se a necessidade do entrevistado de se virar para a região sobre a qual fala, para poder explicar melhor o posicionamento e lembrar os nomes e sentidos das ruas.

Para orientar-se o indivíduo precisa saber onde está, e identificar-se pressupõe saber como está em determinado lugar, ter uma relação com o lugar. Essas funções psicológicas são base do apoio existencial e o homem habita quando concretiza o mundo a sua volta. Após identificar-se, Omeletino Benatto passa a abordar outras informações visuais da fotografia.

É possível localizar na imagem crianças descalças, inclusive o próprio entrevistado. Ele lembra do fato e conta quando colocou um calçado pela primeira vez, explicando as dificuldades financeiras da época. Ele comenta ainda os personagens retratados, e fala sobre a vegetação no bosque. Se ele fosse questionado sobre algum evento da CTNP sem o auxílio da imagem, possivelmente não se recordaria de tantos detalhes, principalmente dos nomes dos que participaram do evento. A fotografia, gatilho detonador da memória, torna possível trazer à lembrança informações específicas e ricas, que de outra maneira seriam gerais e superficiais.

Na descrição, o pioneiro ainda destaca o fato de que a Companhia de Terras Norte do Paraná promovia churrascos e festas para atrair novos compradores para seus lotes. Ao comentar a figura 4, o pioneiro cita outro evento no qual a empresa divulgava seus lotes. A imagem é da casa de Hikoma Udihara, agente da CTNP, que vendia terras principalmente para japoneses. No texto escrito, Omeletino Benatto aponta que “a casa em madeira era a residência do Sr. Hikoma Udihara, que representava a Companhia de Terras para a venda de lotes a famílias japonesas. Ano: provavelmente em 1941. O automóvel ao lado é um Chevrolet ano 1941.” Na entrevista ele conta sobre a vida do fotografado e seu trabalho.



Figura 4 - Residência do Sr. Hikoma Udihara. Fotografia: Autor e ano desconhecidos
Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Entrevista:

Eu coloquei ano 1941 [na descrição], porque esse daqui é um automóvel Chevrolet 41, então não poderia ser anterior a 41. Poderia ser posterior a 41. Ele [Hikoma Udihara] era japonês, era avô desse jovem que é da Unimed, Dr. Udihara, era pai do médico que morreu, Issao Udihara. Ele era japonês, não sei em que época talvez 20 ou 25 veio para o Brasil e aprendeu um pouco de português e inclusive ele filmava alguma coisa e no clube redondo que tinha, onde é o Bradesco hoje, tinha lá uma tela, tudo era meio aberto, a tela balançava, então ele molhava a tela pra ficar firme e ele passava um filme lá (BENATTO, 2010) .

Quando o depoimento parecia ter acabado, coube a pesquisadora instigar as memórias individuais do entrevistado, com perguntas, numa retroalimentação que enriqueceu o conteúdo dos depoimentos.

Pesquisadora: Que clube era esse?

Era um clube que a Companhia de Terras construiu com madeira de mato, coberto com tabuinha ou flor de coqueiro, acho que tabuinha. O Sr. Udihara passava o filme ali pra fazer propaganda, então eu me lembro bem, a gente era guri e participava e ele dizia assim ‘agora aquele café bonito *né*’ e falava nesses termos, era muito engraçado porque ele não tinha o português muito perfeito mas entendia *né*, e ele era quem fazia a venda para os japoneses descendentes desse lotes da Companhia (BENATTO, 2010).

Após a pergunta sobre o clube que havia citado, o pioneiro pegou novamente a imagem em mãos e fez novas considerações, mesmo se tratando de outro local, e não aquele fotografado. O registro imagético parece trazer segurança às lembranças e ao discurso do pioneiro.

Omeletino Benatto explica que chegou à data de 1941 por verificar na imagem a presença de um automóvel Chevrolet 1941 e, por isso, a imagem não poderia ser anterior a esse ano. Os elementos fotografados o auxiliam a situar o momento na linha do tempo. Ele localiza o lugar no qual Udihara passava seus filmes como “Bradesco”, para localizar o interlocutor onde fica o local atualmente. Nesse ponto, construído pela Companhia de Terras, o agenciador passava filmes para divulgar a região e os lotes à venda.

A CTNP utilizava diversas estratégias publicitárias para divulgar a “terra vermelha”, dentre eles vídeos e álbuns de imagens. A fotografia da casa fez com que outras informações fossem lembradas, e o papel da pesquisadora foi o de instigar novas revelações. Quando questionado sobre a quantidade de japoneses na região na época, ele responde:

Entrevista:

Tinha bastante, a colônia era grande, tanto é que tem uma escola em algum lugar na região do aeroporto atual, escola japonesa, tem uma foto grande todos os japoneses ali, crianças e adultos. Porque, gozado é que esse povo, os alemães, japoneses, quando vieram pra cá, uma das primeiras coisas que eles faziam era arrumar um local e alguém para dar aula para os filhos, coisas que o brasileiro fez, mas eles tinham essa facilidade, essa cultura, digamos assim. Eu mesmo estudei onde era o Colégio na [rua] Goiás [aponta com a mão na direção da rua], na escola alemã, onde aprendi algumas palavras alemãs já não me lembro mais, mas era a preocupação dos alemães, dos japoneses, em ter escolas para os filhos. Ele mesmos montavam, eram muito atuantes (BENATTO, 2010).

Novamente localiza o interlocutor explicando e apontando a rua onde ficava a escola na qual estudou. Na figura 5, o entrevistado detalha em uma fotografia panorâmica de Londrina, a localização e descreve os moradores das construções registradas. A descrição escrita foi a seguinte:

Descrição escrita:

Na foto uma imagem do centro de Londrina no ano de 1938 ou 1939. Os pontos assinalados mostram: 1) a residência de Antônio Benatto de 1933 a 1941, na rua Minas Gerais [atual Souza Naves] com Piauí; 2) campo ou quadra de tênis dos funcionários da Companhia; 3) Escola Alemã - nesse local fui aluno e aprendi umas poucas palavras em alemão, que não sei mais, a não ser contar em alemão de 1 a 10. No mesmo local onde hoje está a

Escola Estadual Evaristo da Veiga na rua Goiás com a rua Mato Grosso; 4) na pequena casa de madeira funcionava a delegacia de polícia do delegado “tenente Pimpão” aquele que mandava dar “sal amargo” aos presos e banho no rio Tibagi, assunto muito conhecido na época e ainda lembro até hoje (BENATTO, 2010).

Omeletino Benatto parece querer situar o interlocutor da localização dos lugares fotografados e citados, considerando de grande importância a lembrança dos nomes, dos sentidos das ruas e utilizando pontos de referência para informar o que funciona no local atualmente. Os pontos de referências fazem com que a identificação e a escolha de caminhos se tornem mais fáceis, e para que a cidade seja um lugar (em oposição ao não-lugar) é necessário que o sujeito crie relações com o ambiente e com seus significados.

Nota-se também que quando a mesma imagem foi apresentada na entrevista, novas recordações foram detalhadas, ou seja, em diferentes momentos, a mesma fotografia pode evocar diferentes lembranças. Com a imagem em mãos, ele falou sobre os elementos fotografados.

Entrevista:

Você olhando do alto da igreja primitiva em madeira, que hoje tem uma réplica no pátio da universidade. Nessa parte aqui, aqui era a [avenida] Rio de Janeiro, aqui era o correio, mais ou menos aqui está a Casa da Criança, onde hoje é a Secretaria da Cultura. Esse aqui é a casinha do campo de tênis [assinalado em vermelho], essa aqui é a quadra de tênis onde os moços quase todos solteiros Estrela, Larionoff, jogavam tênis aqui. Tinha um tapume de um lado, tapume do outro, onde a bola batia e não ia para o pátio. (BENATTO, 2010).



Figura 5 - Imagem da cidade de Londrina. Fotografia: José Juliani, ano desconhecido.
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Quando criança, Omeletino Benatto trabalhou como pegador de bolas na quadra de tênis da Companhia de Terras, e talvez por isso, sua estrutura e seus frequentadores estejam tão claros e definidos em suas lembranças.

Entrevista:

Aqui, essa casa foi mandada construir pelo engenheiro agrônomo Ulisses Medeiros, aqui morou a família de pernambucanos da Dona Regina e aqui a família seu Henrique Davi dos Santos. Ele desativou essa casa como residência dele em 37 e foi morar na Viação Velha, num sítio. Essa aqui é a casa que eu morei [quando veio para Londrina, assinalada em azul], aqui em frente é o edifício Karan. Aqui era a escola alemã [assinalado em amarelo] e aqui mais tarde morou o Dr. Ulisses Medeiros, que foi para Paranaíba. Ele era ligado à família do Dr. Alexandre Beltrão, que loteou a cidade de Ibiporã, tem um filho, Dr. Lauro Beltrão. O Dr. Ulisses era tio do Dr. Lauro. Aqui morava a família Paglia [assinalado em verde], onde mais ou menos é o Hotel Coroados, foto do José Juliani (BENATTO, 2010).

As expressões “essa aqui”, “aqui, essa casa”, “aqui em frente”, “aqui morou” apontam que o registro fotográfico facilita a lembrança de alguns lugares e traz à mente a imagem da cidade de antigamente. Mas, novamente, o entrevistado não deixa de situar o interlocutor, informando o que funciona nos locais atualmente: “aqui era o correio, mais ou menos aqui está a Casa da Criança, onde hoje é a Secretaria da Cultura” ou “onde mais ou menos é o Hotel Coroados”.

Como foi dito, o sentido de localização, a sensação de identificação com o ambiente e a sintonia gerada faz com que o ser humano pense: “estou aqui”, “vou para lá”, e um pressupõe a existência do outro. Além disso, o processo de criação da imagem ambiental é resultado da observação e do modo como o observador interpreta e organiza o que vê, como dirige sua atenção, e como ele afeta e é afetado pelo ambiente. Segundo Lynch (1997, p. 149), “o organismo humano é extremamente adaptável e flexível, e grupos diferentes podem ter imagens muitíssimo diferentes da mesma realidade exterior”.

O entrevistado demonstra uma relação íntima com a cidade, ao descrever seus antigos e atuais estabelecimentos, os sentidos das ruas, a localização do que foi fotografado e os acontecimentos. Ele reconhece nas imagens das casas de outras pessoas a sua própria história, o que aponta para uma relação de pertencimento àquele ambiente fotografado.

A figura 6 retrata a primeira estação ferroviária de Londrina, onde hoje fica o Museu Histórico Padre Carlos Weiss. Na imagem está presente o Sr. Antônio Benatto, pai do

entrevistado. Em sua exposição escrita, ele aponta qual era a vista do fotógrafo quando retratou a cena: na direção do lado oeste.

Descrição escrita:

A presente foto mostra a antiga estação ferroviária de Londrina, chegada de uma composição, é a vista da estação e direção ao lado oeste. Do lado esquerdo, está a rua Acre e do direito está a rua Benjamin Constant, local onde hoje fica o museu.

Na entrevista, Omeletino Benatto lê o que escreveu e novamente complementa gesticulando com a mão as direções e os sentidos das ruas. Aparentemente, quando situa o local da imagem, o pioneiro tem a necessidade de citar todas as informações para dar continuidade às descrições. A orientação espacial, “lado oeste”, “lado esquerdo”, assim como o nome das ruas parecem o auxiliar a rememorar o local, as histórias e os nomes dos fotografados.

O ambiente e sua estrutura espacial facilitam a orientação, mas é necessário que sejam constituídos pontos (como o museu, na descrição) e objetos concretos de identificação. Por isso é importante observar como o entrevistado se orienta ao explicar as ruas, utiliza pontos de referência para situar o pesquisador, e como se identifica com as construções e as vias da cidade. A identidade do homem implica na identidade do lugar e, conseqüentemente, na relação de pertencimento, de sentir fazer parte.

Entrevista:

Um dia, não tão festivo na estação estrada de ferro, onde hoje é o museu. A Maria Fumaça, máquina pequena que movimentava os vagões pra cá e pra lá. Aqui meu pai também no pátio da estação [assinalado em vermelho]. Os homens estão de terno gravata, era um dia meio especial, não sei esse aí era um trem de passageiros está vendo? Talvez a chegada de alguém, saída de alguém, não sei explicar. Esse trem vinha de São Paulo. Nós tínhamos os trens que traziam encomendas, encomendas ligeiras era 24 horas de São Paulo até aqui... E os de passageiros e vinha pegando Ourinhos, e tal. E tinha o trem de carga, que nos chamávamos... [pausa] que trazia gôndolas e encomendas mais pesadas, descarregadas em outra gare que tinha pra trás, onde é o PAI [Pronto atendimento Infantil] hoje. Essa aqui é a estação de passageiros, sendo vista do leste para oeste, da rodoviária atual para o terminal urbano da cidade. Aqui ele subia pra lá [gesticula] e ia para Cambé e os trens de carga traziam encomendas mais pesadas, gôndolas com caminhões em cima já na época mais avançada, gaiolas para embarque de suínos, embarque de bois, lenha. Porque era locomotiva à lenha, às vezes carregava algumas gôndolas com lenha [pausa]. Uma das coisas que mais gostávamos era quando a Oulinda [irmã] levava o almoço para nós lá na estação. Eu era garoto, pegava uma telha, mas trabalhava. Era sentar em cima do trilho, embaixo da gôndola descarregada e almoço ‘carreirãozinho’. Isso era gostoso, ela também participava, o pai, a gente ajudava, isso é muita saudades viu (BENATTO, 2010).

Na descrição oral da figura 6, ele explica as rotas dos trens, o sistema de encomendas da época, a atual função dos lugares citados, seu trabalho no carregamento das gôndolas e o almoço com a família. A história oral da pessoa comum muitas vezes privilegia momentos “irreconhecíveis” como história, que não falam de fatos, mas acontecimentos, e que não constituem documentos, mas signos que apresentam sentidos fortes para ela.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...]. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 2002, p. 44).

As pausas, na técnica da história oral, têm grande importância, tanto na interpretação do acontecimento, como na continuidade da fala do entrevistado. Omeletino Benatto utiliza esse intervalo para buscar novas informações na memória e, nessa imagem, novamente situa o interlocutor com expressões “pra trás”, “essa aqui”. Ele também cita o sentido no qual foi feita a fotografia: “sendo vista do leste para oeste, da rodoviária atual para o terminal urbano da cidade”.



Figura 6 - Antiga estação ferroviária de Londrina. Fotografia: José Juliani, ano desconhecido.
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Ao se mover, ou mesmo refazer um caminho mentalmente em uma explicação, o sujeito “vivencia” o espaço e os pontos referenciais o ajudam a reconhecer onde está e para onde vai. “Nosso mecanismo perceptivo é tão adaptável que cada grupo humano

consegue distinguir as partes de sua paisagem, perceber e conferir significado aos detalhes significativos.” (LYNCH, 1997, p. 151). Esses elementos estão ligados à capacidade de ir e vir, e lugares com muitos pontos de referência fazem com que a escolha dos caminhos a seguir seja mais fácil.

O fato de o município estar em construção quando o entrevistado se mudou, fez com que ele estabelecesse relações com suas primeiras construções, seu moradores, agentes das primeiras transformações, que são hoje personagens da história de Londrina. Ele participou de momentos históricos permeados por pequenas particularidades pessoais e familiares, o que faz com que os lugares rememorem seus entes falecidos, principalmente seus pais.

A relação entre a cidade, seus cenários imaginários e a arquitetura, traduz-se então na criação de espaços com os quais é possível construir uma memória afetiva, pois, nesse caso, fazem ressaltar aos olhos detalhes significativos do passado. A consciência do passado é importante para que o sujeito desenvolva o amor por um lugar, o sentimento de topofilia⁵. Dessa maneira, o turista e o nativo focalizam particularidades e aspectos diferentes no ambiente e desenvolvem diferentes sentimentos em relações a uma determinada cidade. Em suas descrições, Omeletino Benatto aponta para a existência de laços de pertencimento com Londrina e o consequente sentimento de topofilia.

Em seu texto, referente à figura 7, o entrevistado começa a descrição indicando o possível ano e o local do acontecimento fotografado, a rua e o número. Nessa rua, atual avenida Souza Naves, ele ainda vive com as irmãs Oulinda e Oulevantina.

Descrição escrita:

Ano de 1940 ou 1941, rua Minas Gerais 1377, casa em construção da família do Sr. João Antônio Benatto e da Sra. Josephina Lourenção Benatto e filhos. Projeto do Sr. Odilon Borges de Carvalho que foi prefeito interino de Londrina. O construtor foi o Sr. Antônio de Souza Coelho. No monte de areia, o Sr. João Antônio Benatto pode ser observado. Hoje, é nossa atual casa, pois a mesma ainda existe. No projeto original ela tinha um alpendre ou varanda nos três lados: norte, frente e sul. Pode-se ver que ao cobrir a casa não foi colocado o galho de árvore em cima da mesma. Na época era muito comum por as telhas sobre a casa, os pedreiros queriam a cervejada. Se o proprietário não desse a cervejada era considerado “pão duro”. No caso de meu pai, o Sr. João Antônio Benatto, não aconteceu. Ele pagou uma caixa de cerveja e não ficou conhecido como pão duro, isso para orgulho da família.

⁵ A topofilia, segundo Tuan (1980), é o sentimento de afeto que uma pessoa pode desenvolver por determinado local, o amor pelo lugar.

Na entrevista, o pioneiro diz não se lembrar da data e indica que a imagem seja possivelmente de 1937 ou 1938, divergindo com a data de seu próprio texto. As datas aparentemente não têm tanta importância como as localizações dos pontos fotografados.

Com a fotografia em mãos, Omeletino Benatto acrescenta particularidades de sua família à descrição da imagem e conta que sua mãe não gostou de um alpendre colocado para que as crianças pudessem patinar em torno da casa.



Figura 7 - Construção da casa da família Benatto. Fotografia: Autor e ano desconhecidos
Fonte: Álbum da família Benatto

Entrevista:

Bem, essa é a casa que eu vivo até hoje. Aqui é o seguinte, o homem que fez a planta dessa casa foi prefeito em Jataizinho e foi prefeito interino em Londrina. O ano eu não me lembro, 38 ou 37 por aí. Esse senhor que aparece aqui morava numa casinha de madeira aqui no fundo e era Bernardo Garcia Molina, pai da Dona Ana Garcia Molina, esposa do Sr. José Garcia Vilar. O espanhol usa o nome da mulher, que mais tarde, o 'Zé' Garcia Vilar, pai do Lauro Garcia, da Ida Garcia, da Hermínia Garcia, esse pessoal todo, que virou sócio da Viação Garcia, que passou a ser Garcia e Garcia.

Essa é a minha casa, esse é meu pai [assinalado em vermelho], e os homens que estão colocando a telha em cima. Essa aqui, que aparece pequenininha, é minha irmã, a Ouleonirda [assinalada em azul]. Um pedaço dessa garagem ainda existe, a casa existe, só que ela tinha um alpendre em roda na esquerda sul, na frente oeste e do lado norte. Isso foi em 1939 e minha mãe não gostou. Quando foi feito esse alpendre, coitada, não sabia nem ler, nem

escrever, ela não imaginou. Quando ela veio, que ela viu essa aberração na frente e de lado, ela chiou. Mas é que em Londrina nesse tempo no pavilhão da igreja tinha um barracão que tinha corrida de patinação, pagava lá uma entrada uma hora de patinação e patinava com o patim e etc. Daí meu pai ‘Não... É que eu quero comprar patins para os meninos patinar em volta’. Ela falou ‘mas que patinar o quê, onde é que eu vou arrumar tempo pra limpar essa casa’. Então ele mandou desmanchar e Dr. Odilon modificou aí ‘né’. Então o folclore aqui é o seguinte: os carpinteiros sempre que faziam uma casa de madeira ou sei lá o quê, quando ia cobrir, o dono sempre pagava uma cervejada, sei lá, uma caixa de cerveja e cerveja vinha em sacos com as capas chamadas polaina de capim, de trigo, não sei, ou então em caixa de madeira. Então você vê que não tem mato nenhum (em cima da casa) então quando o dono vai cobrir a casa e não pagava a cervejada, alguns dos pedreiros e carpinteiros colocavam um galho em cima da casa. E quem passava na rua falava ‘puxa, esse proprietário não pagou a cervejada’. Era uma chateação, então eles deixavam o galho lá em cima antes de colocar a telha, cimento e reboque uma semana ou duas semanas e o dono ficava morrendo de vergonha porque não tinha pagado a cervejada. Então eles deixavam o galho secar e chamavam de ‘pão duro’. O galho ficava duro, ficava seco. No caso do meu, aí não aconteceu porque ele pagou logo a cervejada. Porque ele não queria ser relacionado. Muito trabalhador, não queria ver o galho seco em cima da casa (BENATTO, 2010).

Na tradição popular da época, quando uma casa iria ser coberta, dias antes de sua finalização, os trabalhadores da construção ganhavam uma caixa de cerveja do proprietário. Se ele não pagasse, os trabalhadores colocavam um galho no telhado para sinalizar o fato aos que passavam pela rua, o que era uma vergonha para os futuros moradores do local.

O galho, dias depois ficava seco e duro, e os trabalhadores o chamavam de “pão duro”. Essa talvez seja umas das origens da expressão, usada até hoje para indicar uma pessoa que não gasta dinheiro.

Novamente a história oral, com o apoio do registro imagético, instigou o entrevistado a contar histórias, tradições da cidade e recordações de família que não havia mencionado na descrição escrita. Além disso, mostra a forte relação do pioneiro com sua casa, onde mora até hoje. Apesar das constantes propostas, ele e suas irmãs afirmam que o terreno – espaçoso e localizado em uma das áreas mais valorizadas da cidade – não será vendido. A casa ainda é a mesma construída por seu pai, e seus moradores afirmam que poucas modificações foram feitas.

Assim como sua relação com a cidade é permeada por experiências particulares, a relação com a casa é ainda mais forte, permeada por memórias familiares. E as fotografias da família, assim como as da construção da casa, são uma espécie de patrimônio simbólico, que asseguram a coesão, pertencimento, identidade e referência. “São estes os

objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida.” (BOSI, 2007, p. 441). As imagens fotográficas apresentam a memória familiar e permitem uma leitura da cultura da época, assim como de seus comportamentos.

Habitar pressupõe uma identificação com o ambiente e a ideia está associada ao local onde a vida acontece. A família Benatto, de fato, habita a casa na atual avenida Souza Naves, local que suscita memórias familiares e a sua própria história. O habitar não se refere simplesmente ao fato de se possuir uma residência, mas traduz-se no modo como o homem, ao se relacionar com as suas possibilidades, constrói o mundo que o circunda. No ato de habitar estão implicadas as funções de orientar-se, saber onde está, e de identificar-e, sentir-se bem ou “sentir-se em casa”, sentimento essencial para uma vida satisfatória.

Na figura 8, Omeletino Benatto descreve a inauguração da primeira agência Ford da cidade, explicando primeiro onde fica o local e depois quem foi fotografado. A orientação e a localização parecem ser, para o entrevistado, a primeira e talvez a mais importante informação a ser descrita. A necessidade da orientação e o sentimento de domínio apontam para a existência de uma identidade entre o homem e o espaço, sendo esta produto das relações humanas que garante a construção de uma rede de significados e sentidos, tecidos pela história e cultura civilizadora.

Descrição escrita:

Assunto de família: a foto mostra um dia de festa em Londrina, pois o Sr. João Batista Gurgel Pismel fazia a inauguração de sua primeira agência de revenda de carros da marca Ford em Londrina, o ano foi 1936, o local ficava entre as ruas antiga rua Heimtal, hoje avenida Duque de Caxias com ruas Mato Grosso, com a sua frente para o lado sul, ou avenida Paraná, hoje avenida Celso Garcia Cid. O local era a oficina mecânica do Sr. Octávio Taccola (que alugou o local provisoriamente para tal). As pessoas que apareceram pela ordem da esquerda para a direita: 1) o menino era Sr. Carlos Taccola; 2) Dr. Willie Davis; 3) Sr. João Batista Gurgel Pismel; 4) Sr. Luiz Estrela; 5) Sr. Inocente Villanova Jr.– era inspetor de vendas da Companhia de Petróleo Atlante, já também prefeito da cidade de Maringá, onde faleceu; 6) Sr. João Antônio Benatto foi um entre os primeiros compradores de carros e caminhões dessa revenda.

Em sua essência, o lugar é produção do homem e se reproduz na relação entre o espaço e a sociedade. Significa o estabelecimento de identidade com os demais e com o local, onde o homem se reconhece porque ali vive. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida (CARLOS, 1993).

Ao reconhecer e identificar elementos da imagem e da cidade, Omeletino Benatto deixa transparecer sua relação de intimidade com seu lugar de vida social e com a comunidade. Isso significa que ao mesmo tempo em que ele pertence ao lugar, o lugar pertence a ele, podendo interferir em sua rotina e em seus rumos. Além disso, o pertencimento pressupõe a noção de participação. Na medida em que se sente autor (ou quando seu pai é o autor) das ações em curso, ele acredita construir de forma participativa e tendo co-responsabilidade sobre os resultados de todo um grupo – a comunidade.



Figura 8 - Inauguração da primeira agência de revenda de carros da Ford. Fotografia: José Juliani, ano desconhecido.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Entrevista:

Essa aí é quando foi inaugurada a segunda revenda de veículos de Londrina, porque a primeira foi Chevrolet. Aqui o Dr. Willie está de paletó de brim cáqui de ‘colote’ [assinalado em azul]. Esse aqui é o Dr. Carlos, advogado em Maringá [assinalado em vermelho]. Esse aqui é o Sr. João Batista Gurgel Pismel [assinalado em amarelo], que montou a agência Ford em 38. Essa foto foi em 36, quando meu pai, esse aqui [assinalado em verde], comprou um caminhão Ford e foi buscar em São Paulo. Então, aqui foi à inauguração da revenda Ford, que foi a segunda revenda de automóveis de Londrina. Esse aqui de branco era o Sr. Inocente Villanova Jr. [assinalado em roxo]. Esse era o Sr. Luiz Estrela [assinalado em rosa], contador da Companhia de Terras. E esse aqui era o Sr. Benvenuto [assinalado em cinza], que tinha uma padaria, a Flor da Índia. Os outros dois eu não sei quem são. Isso foi 36 como eu disse, inaugurou a agência Ford que daqui, mudou-se, dois anos depois, para onde foi a Secretaria da Cultura da UEL Mairink Goés [na rua Mato Grosso]. Esse senhor, o Inocente Villanova Jr., de Londrina foi para

Apucarana, onde se tornou sócio numa agência Chevrolet do Sr. Buscardin, então ficou sendo a firma Buscardin e Villanova, Villanova e Buscardin, uma coisa assim. E depois ele foi pra Maringá e lá me parece ele foi cerealista ou madeireiro. E ele tornou-se prefeito de Maringá. Muito amigo do meu pai, do Dr. Willie, enfim, na época do pessoal (BENATTO, 2010).

Na entrevista, o pioneiro descreve novamente os fotografados, detalhando suas profissões e seus rumos ao deixarem Londrina. O domínio do fato passado e a compreensão do tempo presente geram o enraizamento do homem, condição *sine qua non* para a construção da identidade. Segundo Weil (2001), a manutenção das raízes locais é uma necessidade humana de viver e de participar de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Cada ser humano, segundo a autora (WEIL, 2001, p. 43), precisa ter múltiplas raízes e o futuro depende da existência e da posse do passado, é uma construção do homem com base no patrimônio que possui. Em oposição, o desenraizamento, ao aniquilar o passado, acaba com a capacidade das pessoas construírem seu futuro. O enraizamento é talvez, segundo ela (WEIL, 2001), a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana.

Na figura 9, intitulada como “assunto de família”, novamente a descrição do local e das ruas sobressaem em relação à identificação da data, da qual o entrevistado “não se lembra”. Em seu texto, descreve brevemente a oficina de outro pioneiro e o fato de seu pai haver construído ali a carroceria de seu caminhão.

Descrição escrita:

Assunto de família: na rua Goiás, entre as ruas Mato Grosso e Duque de Caxias, hoje avenida Duque de Caxias. Também na Duque de Caxias ficava a oficina de marcenaria e ferraria da família do Sr. Tozetti, onde o Sr. João Antônio Benatto mandou construir para o seu novo caminhão um ‘international’. Não lembro se foi após a guerra de 1939, que meu pai mandou construir uma carroceria em madeira para o transporte de cereais e suínos.

Já na descrição oral, durante a entrevista e com a fotografia em mãos, Omeletino Benatto aponta as pessoas retratadas e gesticula para localizar o interlocutor, virando-se na direção da rua Goiás e apontando seu sentido. Apesar de não recordar o nome, o entrevistado explica que o fotógrafo foi chamado para registrar o momento em que o caminhão ficou pronto.

Em diferentes momentos, a família Benatto registrou a construção da sua casa, o crescimento dos filhos, novas conquistas, muitas delas símbolos de *status*. Em uma

época na qual processos de revelação eram demorados e custosos, é interessante observar a importância dada por eles ao registro imagético.



Figura 9 - Caminhão do Sr. João Antônio Benatto. Fotografia: Autor e ano desconhecidos
Fonte: Álbum da família Tozetti

Entrevista:

É um pouco de coisa de família, esse aqui é meu pai [assinalado em amarelo], esse aqui é o Tozetti [assinalado em vermelho], esse menino aqui já é falecido, é o Luiz Tozetti, aqui na rua Goiás. Era o caminhão que meu pai comprou na época, depois da guerra. Você descendo a Goiás [sinaliza com a mão] é depois da Souza Naves. Era a oficina do Sr. Tozetti onde hoje é uma coisa de física [academia] e a outra frente era na rua Duque de Caxias, fazia um ‘L’. Aí é porque meu pai levou o caminhão lá, o chassi, o caminhão sem a carroceria, para ele fazer a carroceria. Então quando estava pronta, chamou o fotógrafo que eu não sei quem é, e tiraram a foto. Só não foi feita do churrasco na época, mas a foto saiu lá a inauguração do caminhão. Tem aqui um rapaz que morreu há pouco tempo que era genro do Sr. Tozetti e não lembro o primeiro nome dele, não sei se era Jacir, Jacídio, não lembro (BENATTO, 2010).

Ao contar suas histórias de família, o narrador, guardião da memória, recupera e reconstrói as imagens da cidade. “E a outra frente era na rua Duque de Caxias, fazia um ‘L’. Aí é porque meu pai levou o caminhão lá.” (BENATTO, 2010). A construção

mental da imagem do espaço associa os elementos concretos à experiência subjetiva, à experiência sensitiva e à memória. Para Merleau-Ponty (1999), o conhecimento espacial adquirido pelo sujeito consiste em imagens mentais, construídas na trajetória de sua vivência a partir da percepção. Assim, os lugares adquirem sentidos e imprimem significado para aquele que o habita.

Niemeyer (1994, p. 6) afirma que esboços mentais são produtos de mapeamentos cognitivos, tendo como base diversas formas, como listas mentais de lugares de referência, elaboradas antes de se fazer um percurso. Quando explica para o interlocutor um caminho, o entrevistado faz referência às ruas, ao posicionamento da câmara (“a vista do alto do Ginásio Londrinense em direção ao bosque e à Igreja Sagrados Corações”, na figura 11) e à localização da propriedade na quadra (“a outra frente era na rua Duque de Caxias” ou “com a frente para oeste”, na figura 10).

Os mapas mentais são representações do real e são elaborados por um processo que relaciona percepções próprias visuais, auditivas, olfativas e lembranças. As informações fornecidas pela percepção e processadas pelo aparelho cognitivo, servem de material bruto para a ação ou para a operação mental. Num processo de retroalimentação, as atividades mentais exercem influência direta ou indireta sobre a percepção, enriquecendo e orientando o seu funcionamento. Com isso, o processo de desenvolvimento mental passa por etapas que se realizam em função das experiências e do meio onde o indivíduo adquire informações.

Não devem ser vistos como produtos cartográficos, mas como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos do ambiente. São representações espaciais oriundas da mente humana, relacionadas a características do mundo real, reproduzindo lugares materiais, mas construídos pelo imaginário do sujeito. Segundo Tuan (1975) eles têm as seguintes funções: preparam para comunicar efetivamente informações espaciais; tornam possível ensaiar comportamento espacial na mente; são dispositivos mnemônicos: quando desejamos memorizar eventos, pessoas e coisas, eles ajudam a saber sua localização; como mapas reais, os mapas mentais são meios de estruturas e armazenar conhecimento e, por fim, são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares não acessíveis para as pessoas.

Essas imagens, denominadas a princípio de mapas cognitivos, foram “desvendados” a partir da década de 60, e Lynch foi um dos pioneiros a associar a percepção do “meio”, ao comportamento e ação humana, a partir de mapas mentais. A percepção, que acontece de formas diferentes entre os indivíduos, faz com que cada pessoa apreenda

determinada percepção com relação ao espaço e sua experiência de vida. O mundo percebido e apreendido provoca a construção mental.

A utilização de mapas mentais torna-se mais forte em um espaço construído no dia-a-dia, e a vivência emocional dos ambientes os transformam em locais conhecidos e, segundo Schulz (1997, p. 59), suas diferentes figurações definem um processo complexo que “não pode ser reduzido a um comportamento motor, uma impressão sensorial, uma experiência emocional ou uma compreensão lógica, ele abarca todas essas dimensões”.

Os lugares são constituídos pela experiência subjetiva e pela apropriação do que é reconhecido. Segundo Maffesoli (1996) a cidade é caracterizada por ser um espaço sensível, essencialmente relacional, onde circulam as emoções, os afetos e os símbolos partilhados coletivamente. As emoções da vida social ou da vida espiritual se associam intimamente às dimensões do espaço vivido, e a inscrição espacial é uma verdadeira memória coletiva, sendo o lugar um vetor do estar junto social.

Augé (1994) observou a perda de lugares antropológicos, possivelmente fazendo referência ao desaparecimento de uma atmosfera local, traço unificador do social ao espacial e, nesses termos, Londrina seria para Omeletino Benatto, um lugar antropológico que se renova constantemente. Para Tuan (1983), só quando as pessoas desenvolvem afetividade pelos espaços, é que eles se transformam em lugares, permitindo uma real experiência espacial.

Na descrição escrita da figura 10, o entrevistado explica que trabalhou no local retratado, lembrou do salário que recebia e emitiu uma opinião. No final do texto, explicou onde ficava o posto de gasolina fotografado e complementou informando que o local ainda existe, porém está modificado. Quando um indivíduo desenvolve uma atividade relacionada a um lugar, rua ou avenida, ele torna-se importante e facilmente identificável. Quem mora ou trabalha em algum lugar, “decora” a paisagem, porque esses ambientes dizem respeito às suas vidas e a natureza transformada por sua prática social.

Descrição escrita:

No caminhão da foto aparece uma ‘tora’ de madeira com uns três metros de comprimento por mais ou menos 1,90m de altura. Na bomba de gasolina aparece um pequeno menino vestindo um macacão igual aos dos mecânicos. Esse menino sou eu, Omeletino Benatto. Com 10 anos de idade, já trabalhava, e muito, e recebia salário de 500 réis por mês e uns 3 ou mais mil réis de gorjeta por mês. Nota: hoje a lei não permite o trabalho antes dos 18 anos, e é por isso que o país está cheio de incompetentes e vagabundos. É a minha resposta. O local era e é na rua Minas Gerais entre as ruas Maranhão e Sergipe com a frente para oeste, o local ainda existe, embora muito modificado. O ano foi em meados de 1940.

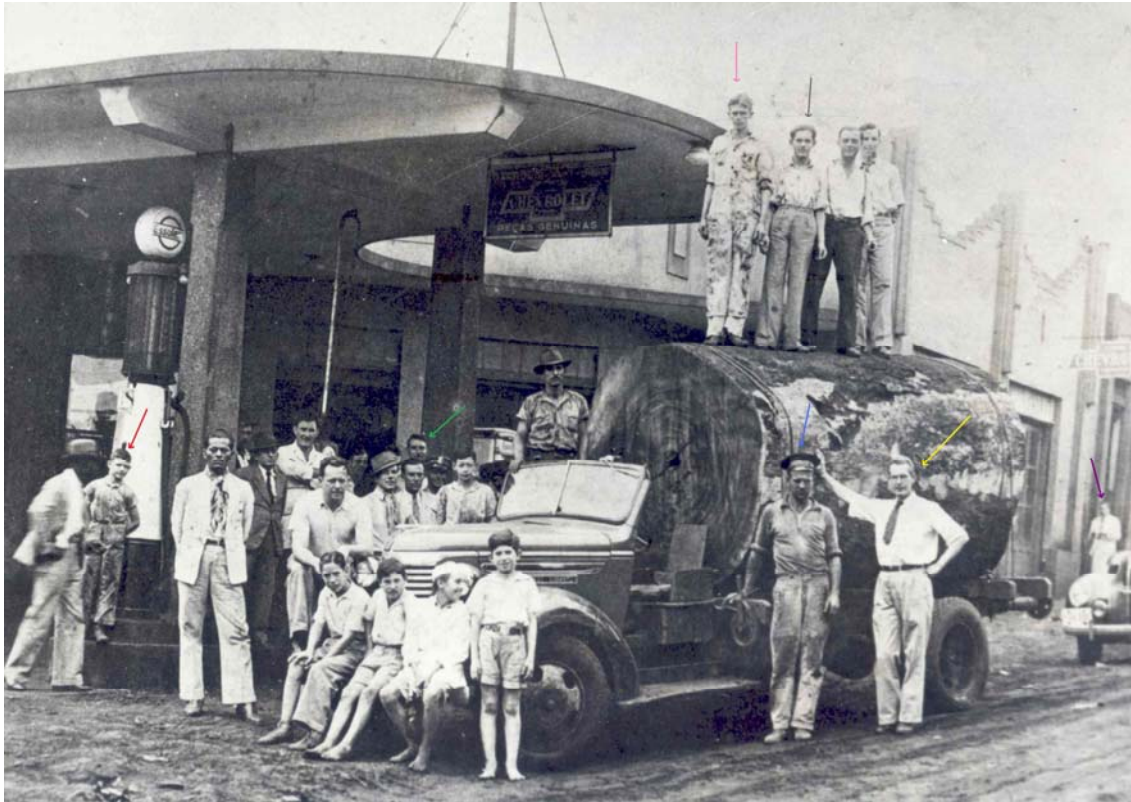


Figura 10 - Posto de gasolina na rua Minas Gerais. Fotografia: Carlos Stenders. Foto Estrela, ano desconhecido.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Na descrição oral da imagem, Omeletino Benatto reconhece os fotografados, os sócios da empresa, os empregados e descreve sua relação de amizade com eles. Os depoimentos orais apontam que sua identidade vincula-se ao “conhecido-reconhecido”⁶ e a natureza social da identidade liga-se aos lugares que são habitados e marcados pela presença, criados pelas histórias individuais através do tempo.

Entrevista:

Esse sou eu [assinalado em vermelho]. Eu tinha na época 10 anos, 10 e meio, hoje um marmanjo de 18 anos menos um dia não pode trabalhar porque a lei não permite. Só que eu comecei com nove anos. Na época não era a Autolon. Esse aqui era o Sr. Percival Crewe [assinalado em amarelo]. Este rosto que aparece aqui era o Sr. Celso Garcia Cid [assinalado em verde], que já era sócio nessa empresa. Esse era o Sr. Oszazire [assinalado em azul], alemão, dono do caminhão. E tem uma história: havia na época muita disputa entre os motoristas ‘meu Chevrolet é melhor que o seu Ford, meu Ford é melhor que o seu Chevrolet’. Era coisa de motorista da época e então teve uma ‘tora’ dessa no mato, era muito grande e foi lá um chofer de um caminhão Ford e não conseguiu trazer a tora. Então o alemão falou ‘o meu Chevrolet

⁶ O termo refere-se ao processo desencadeado na mente humana, quando um indivíduo entra em contato com um objeto ou um ambiente que já conhece ou já esteve, reconhecendo-o.

traz a tora'. Falava meio 'alemanzado'. Foi lá e carregou a tora e trouxe. Esse que aparece aqui era o ajudante dele, não está aparecendo. Ele parou na Chevrolet aqui para mostrar para o Sr. Crewe que o caminhão dele, o Chevrolet, era bom de fato, era um Chevrolet 39 ou 40. Aí então chamaram o Sr. Carlos Stenders, do Foto Estrela, e ele fotografou. É o mesmo Foto Estrela que fechou recentemente. Mas em 48, 50, um japonês comprou o foto do Carlos Stenders (BENATTO, 2010).

A fotografia de um lugar (Figura 10) faz com que o entrevistado se lembre de uma série de outros locais e pessoas, histórias que vão se desenrolando e se ramificando, abrangendo acontecimentos de importância histórica para a cidade, como a venda do Foto Estrela, a inauguração do cinema, dentre outros.

Entrevista:

Essa era uma bomba de gasolina. Esse posto ainda existe, na [rua] Minas Gerais, essa parte aqui só tem a parede. Esse aqui era o Sr. Esteves, gerente do cinema [assinalado em roxo]. Aqui ao lado tem o cinema, montado pela empresa cinematográfica de Botucatu, e 'seu' Esteves veio de Botucatu e o montou. Era o gerente do cinema. Esse moço que aparece aqui, Benedito Filadélfio Antunes [assinalado em cinza], ainda está vivo. Eu conversei com o Dito e com o Saulo [assinalado em rosa], em uma ocasião, propondo que voltássemos lá nesse posto para tirar uma fotografia de nós já velhos e acabados, e acabou não dando certo. E esse daqui é o seu Saulo Correia Ribeiro que trabalhava como lavador de carros nesse posto e alguém tirava o carro e colocava embaixo da cobertura aqui e eu com um couro de animal chamado camurça ou *chamois* [pausa]. Então com essa camurça eu secava os carros com a flanela, e quando ele ganhava uma gorjeta de 2 mil réis, ele me dava 500 réis pelo meu trabalho e ele tornou-se porteiro do cine São José. Então, no domingo à noite, eu não podia sair porque era guri, mas no domingo eu ia na matinê e ele fazia assim pra mim [entra com a cabeça] e eu entrava de graça, Saulo era muito meu amigo (BENATTO, 2010).

O entrevistado confessa a intenção de visitar o local, com os amigos ainda vivos que estão na fotografia, para fazer uma nova imagem, como se nesse posto ele pudesse também visitar seu passado. As memórias individuais e, segundo ele, "fotográficas", suscitam o sentimento de pertencer e, muitas vezes, as formas de apropriar-se do espaço vivenciado. Essa apropriação passa pelos sentidos e pela percepção, e dentro desse processo, destaca-se a experiência visual. Lynch (1997) aponta que o desenvolvimento dos aspectos que dão estrutura à percepção estão vinculados primeiramente ao sentido da visão, responsável pelo primeiro impacto criador de significados do ambiente. Para ele, é essencial a sensação produzida pelos sentidos, para uma completa estruturação dos lugares.

Tuan (1980) acredita que existe uma dependência visual para organizar o espaço, sugerindo que a representação da realidade é construída por meio dos sentidos e das

funções mentais, concepção e simbolização. O autor acredita (TUAN, 1983, p. 96) que o meio ambiente constitui-se no elemento essencial para estruturar mentalmente a relação espaço-temporal, uma vez que “o tempo está implícito em todos os lugares, nas idéias de movimento, esforço, liberdade, objetivo e acessibilidade”. Merleau-Ponty (1999) diz ser necessário compreender os ângulos de visão e como eles se modificam com o deslocamento do sujeito.

Expressões como “esse moço que aparece aqui”, “essa parte aqui só tem a parede”, estão ligadas ao sentimento de conhecer-reconhecer, e ao ato de olhar, elemento necessário para a percepção visual do ambiente e para a construção do mapa mental. A percepção, parte do processo cognitivo, pode ser vivenciada de formas distintas e gerar no indivíduo diferentes experiências do espaço. Dessa maneira, ele precisa valer-se dos sentidos para que a experiência do espaço se concretize e criar, possivelmente, laços afetivos, gerando identificação com o local que habita. Um cego, por exemplo, vivencia por meio de outros sentidos (olfato, tato) o ambiente, e tem outros métodos de atribuir-lhes profundidade, composição, noção de tamanho e significado.

A figura 11 é uma vista geral da cidade de Londrina. Mais uma vez, na descrição escrita, Omeletino Benatto é breve, descrevendo apenas a autoria, a direção e a rua fotografada. E o ano não é preciso.

Descrição escrita:

A presente foto foi batida por José Juliani e é a vista do alto do Ginásio Londrinense em direção ao bosque e à Igreja Sagrados Corações. Vista da rua Quintino Bocaiúva. A época foi antes do ano de 1940, pode-se ver as casas embaixo.

Em sua fala, ele detalha o local, as casas registradas e seus moradores, e o sentido no qual a imagem foi tomada. Quando questionado sobre a terra aparente na imagem, ele explica como eram produzidos acessórios de sapatos para não escorregar no barro, e como ficavam as roupas lavadas com a água de Londrina.



Figura 11 - Vista de Londrina. Fotografia: José Juliani, 1937.
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Entrevista:

Vista lá de cima onde hoje é mais ou menos o Super Muffato da [rua] Quintino Bocaiúva. Tem o Viscardi por ali, o Ginásio [colégio] Londrinense era naquela direção, parece que a foto foi tirada daquela região, antes do Ginásio Londrinense, em direção à igreja matriz [assinalada em azul], de lá pra cá. O Ginásio Londrinense ficava na rua Quintino Bocaiúva. Não sei se era rua Amapá na época, na região da Sorveteria Sávio. O Juliani tirou essa foto. Você vê a igreja matriz lá em cima, o bosque, aqui era a residência da família Ambrozio Ferro, e o ginásio, o primeiro ginásio da cidade, foi nesse casarão aqui. Visto para oeste, frente para leste. Era escola ginásial antes do Londrinense (BENATTO, 2010).

Pesquisadora: Tinha muita terra nessa época?

Nessa época era tudo terra. Era comum se fabricar uma caixa de madeira com dois pedestais aqui, um pegador aqui e de um lado pra outro o ferreiro fazia uma peça que você fincava aqui e você limpava o pé. Outros usavam um limpador diferente pregado na parede, 'limpa pé'. Você chegava segurava na cerca de balaustra e limpava os pés. Tinha também aqueles casos que nos colocávamos no sapato. Os automóveis Ford tinham um pneu medida 4x50x21 que o câmbio de ar era estreito, você cortava uma liga e você calçava e pegava a corrente de caminhão e enganchava [por baixo do salto] e colocava no salto formando um gancho e saía na rua pra não levar um tombo, porque senão caía mesmo. Mas quando chegava na casa ou em uma loja pra entrar, você batia o pé e tirava o barro. Usava-se muito uma capa, nós chamávamos galocha, um sapato de borracha que você vestia. Usava-se muito sapato bonitão igual ao que o Mazaropi usava. Então se você não quisesse entrar em casa com aquilo [a corrente colocada no salto do sapato], você tirava e entrava sem fazer barulho, sem atrapalhar, porque a corrente ficava mais alta que o salto. Em dia de chuva caía mesmo, era muito

comum, usava-se muito terno de linho branco e linho 120. Quando era lavado com a água de Londrina ficava meio amarelo, porque a água era barrenta. De vez em quando vinha viajantes de São Paulo e tal, acostumado com um pouco de luxo, e coincidia de pegar a época de chuva. E andava na rua, e caía, aquela coisa viu, muito engraçado aquilo (BENATTO, 2010).

O homem expõe, por meio da suas memórias individuais, fatos e acontecimentos vividos em sua trajetória pessoal-social, e, a partir da leitura de suas experiências, ele recria sua história. A memória é uma representação seletiva do passado inserido no contexto familiar, social. E embora sejam indivíduos que lembram, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais os fatos serão lembrados. O homem se identifica com acontecimentos relevantes para o seu grupo, e dessa maneira, pode-se considerar que toda memória é, de certo modo, coletiva e seletiva.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20 e 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 201).

No caso da fotografia, muitos lembram o que não vivenciaram diretamente. Quando a imagem em questão foi tomada (Figura 11), Omeletino Benatto era muito jovem e não estava presente. Suas memórias sobre a imagem são reconstruções a partir de suas experiências pessoais, e ele destaca nela aquilo que lhe parece importante, como o antigo “Ginásio”. “Daí, pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado.” (BURKE, 2000, p. 70). Ela é produto do tempo vivido, sob o olhar da cultura e do indivíduo.

Em contrapartida, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.” (HALBWACHS apud BOSI, 2007, p. 413), e esse ponto muda de acordo com o local que o homem ocupa na sociedade. Nessa relação de retroalimentação entre individual e coletivo, memórias e experiências pessoais vividas pelo indivíduo, quando compartilhadas, são também coletivas, pois mobilizam conteúdos individuais construídos na vida em sociedade, e, dessa forma, pertencem também a determinado tempo e lugar.

Quando o entrevistado reconhece o local e os fotografados, o lugar mostra-se marcado pela vivência e pelo reconhecimento da história do outro e de sua própria história. Como o ginásio, rememorado repetidamente; na época o entrevistado era criança e, possivelmente, o local da escola tenha o marcado. Neste estudo, a fotografia destaca-se como uma marca cultural de uma época, remete ao passado e o traz à tona.

A casa de Mathias Heim, ex-sócio da Viação Garcia, fotografada na figura 12, não foi descrita pelo entrevistado. Ele a localizou na cidade, mas recordou e descreveu o frigorífico montado pelo pioneiro alemão.

Descrição escrita:

Na casa da foto morou o alemão Sr. Mathias Heim, mecânico da Companhia de Terras e fundador da empresa de transportes em 1934 Heim & Garcia. Ele montou também um frigorífico no local hoje chamado Canadá [Clube Canadá] e um bom açougue onde ele produzia bons tipos de embutidos de carnes no local em frente ao hoje Cartório Pires. A residência desse senhor era na rua Bahia, hoje [rua] professor João Cândido, mais ou menos no local onde hoje é uma ala das Lojas Americanas, entre a avenida Paraná, hoje calçadão, com a frente para o lado leste.

Em seu depoimento oral, com a fotografia em mãos, Omeletino Benatto faz referência à estrada de ferro que passava na cidade, na época de sua colonização, para descrever a mudança na rua João Cândido. Os lugares têm capacidade de simbolização e possuem “aura de identidade”. Nessa imagem, a casa de Mathias Heim fez com que o entrevistado se lembrasse da localização da empresa dele e descrevesse um “causo” de um de seus funcionários.

Entrevista:

Sr. Mathias Heim. Quando ele deixou a empresa Heim e Garcia, quando vendeu sua parte para o Dr. José Garcia Vilar, montou um frigorífico em Londrina ao lado aqui, em frente ao Cartório de casamento do Sr. Pires, ele montou um açougue onde produzia embutidos. A casa está sendo vista da rua Professor João Cândido, naquele tempo em toda a extensão e agora passou a ser [rua] Bahia só da estrada de ferro pra baixo. Mais ou menos ao lado da Lojas Americanas [saída da rua João Cândido]. O açougue era na rua Jataí em frente ao cartório [hoje rua Pio XII]. Então produzia as carnes e embutidos lá no frigorífico e vendia no açougue. Até tem um folclore, um amigo, Geraldo Simões, que namorou uma funcionária do açougue, e eu falei “oh Geraldo, você não casou com a moça” ele falou “ah não dá pra casar, ela vivia cheirando linguiça” [Risos]. É um folclore (BENATTO, 2010).



Figura 12 - Casa do Sr. Mathias Heim. Fotografia: Autor e ano desconhecidos
Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Os lugares podem ser definidos por uma história social, cultural ou política; podem ser associados a um espaço determinado, geometricamente ou por seus elementos físicos. Para Leite (2001, p. 19), “toda captação da mensagem manifesta se dá através de arranjos espaciais. A fotografia é uma redução e um arranjo cultural e ideológico do espaço geográfico, num determinado instante”.

Para Le Goff (1996) as sociedades se esforçam para impor ao futuro imagens de si próprias, portanto, fotografias sempre trazem por trás de si histórias. O modo como elas serão recordadas envolve a associação e a projeção das recordações (memórias) e também os filtros socioculturais que determinam nossa maneira de ver e narrar o mundo em diferentes momentos.

A tradição narrativa das lembranças está presente em todas as fotografias da família Benatto, e auxiliam no processo de análise da imagem. Tuan (1975) divide a imagem ambiental em dois tipos: imagem-memória, que tem necessidade de se firmar em um contexto, e busca aproximação máxima da realidade das lembranças individuais, e a imagem-imaginação que altera as lembranças a fim de torná-las mais ou menos agradáveis, sem compromisso com o real. As descrições de Omeletino Benatto, dentro dessa classificação,

seriam imagem-memória, e os lugares de vivência possuem elementos resguardados pela experiência direta ou indireta.

No plano simbólico, o lugar liga-se a significação de um sentido social, enquanto no plano real, concreto, relaciona-se com o estabelecimento de um local onde o homem passa a existir. O lugar existe quando proporciona ou favorece experiências humanas significativas, o que requer uma relação com a natureza, com as suas origens e com sua memória.

Para Tuan (1983, p. 10), ter a experiência é aprender, compreender, e significa atuar sobre o espaço podendo também criar a partir dele. A cidade ideal é aquela cuja organização facilita o reconhecimento das coisas, ou seja, o encontro ou reencontro com o familiar. A facilidade de reconhecer-se e identificar-se geram o sentimento de pertencimento ao lugar, e assim como as pessoas podem desenvolver amor pelo lugar, a topofilia, o espaço da experiência tem o poder de invocar memórias.

Na figura 13, vista da avenida Paraná, o pioneiro fez a seguinte descrição escrita:

Aqui é mostrado um trecho da avenida Paraná [assinalado em vermelho], hoje calçadão, entre a esquina da avenida São Paulo [assinalada em verde] e lá mais para o fim, as avenidas Rio de Janeiro [assinalada em azul]. O primeiro casarão foi a agência do Banco do Brasil. Seguindo as casas comerciais, Farmácia Maria Isabel, Sorveteria Curitiba, Relojoaria Antônio Calederaro, Farmácia do Sr. Hilário Chafer, Casa Castro e Casas Pernambucanas, do lado direito da avenida Paraná, onde hoje é a praça Floriano Peixoto. O ano não sei exato, mas era antes de 1940, talvez 1938 ou 1939.

Novamente, Omeletino Benatto não lembra com exatidão a data da imagem, mas recorda os pontos comerciais da época percorrendo seu “mapa mental”, colocando-os na ordem, conforme sua distribuição na rua. Os mapas mentais são criações da mente com base em informações recebidas por mecanismos perceptivos e cognitivos, em um processo de interação do indivíduo com o ambiente que ocorre de acordo com o interesse e a necessidade. O sujeito estrutura e organiza a interface entre a realidade e o mundo, selecionando informações recebidas, armazenando e conferindo significado.

O mundo percebido é “imaginado” por meio de estímulos exteriores, de acordo com os filtros culturais e pessoais, e cada pessoa pode, dessa maneira, evocar diferentes imagens da cidade. As imagens mentais são como estruturas que incorporam ideias e conhecimentos de como o mundo exterior funciona. No caso de Omeletino Benatto, ele

descreve as lojas no sentido da rua, tendo incorporado a imagem das vias e seus sentidos de fluxo.

Em seu depoimento, o entrevistado aponta a possível data da imagem ao identificar os postes de eletricidade, inaugurados em 1937, e ao verificar que o jardim montado em 42 não está presente. Para ele, as informações visuais indicam que a fotografia foi tomada entre 37 e 42. Por meio dos elementos fotografados, ele busca situar a fotografia temporalmente. Porém, a eletricidade foi inaugurada em 1938 nesse trecho. Omeletino Benatto não demonstra preocupação ou compromisso com as datas, ao contrário das localizações, que descreve com detalhes e exatidão.

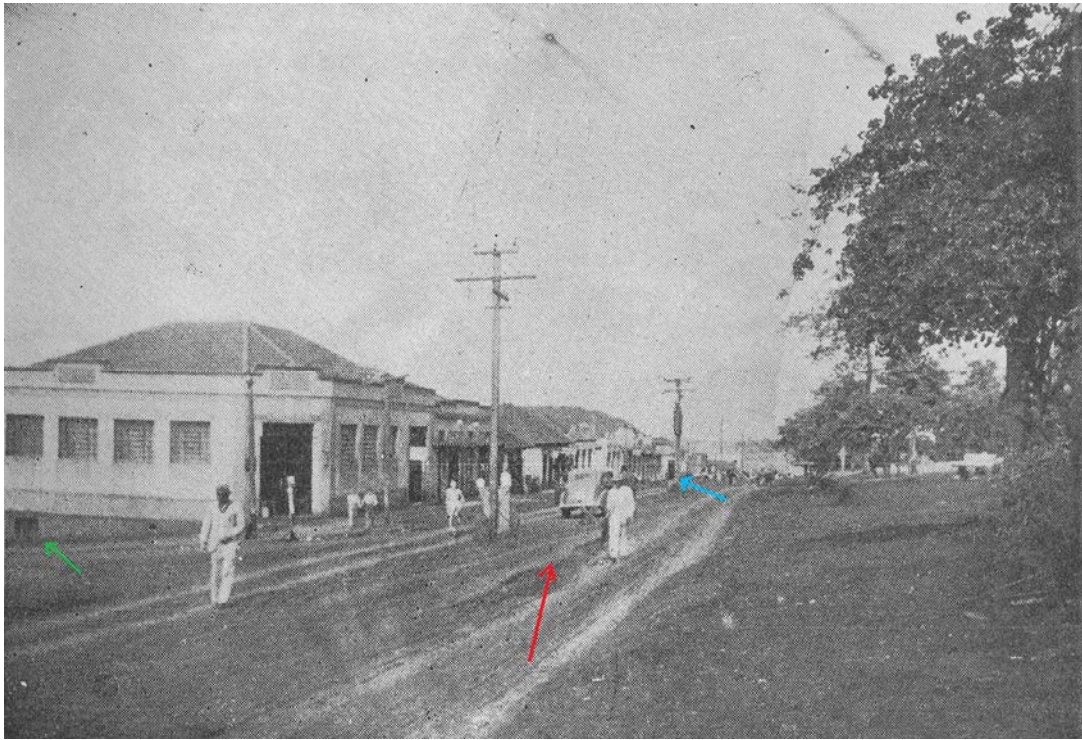


Figura 13 - Vista da avenida Paraná. Fotografia: Autor e ano desconhecidos

Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Entrevista:

Aqui nessa esquina onde está meu dedo, é a avenida São Paulo, aqui de lado hoje tem o Banco do Brasil. Isso foi mais ou menos depois do ano de 37, porque já tinha luz elétrica, que foi inaugurada em 37, acho que foi em 39 ou 40. Então aqui você está vendo o calçadão da casa Bolívar de sapatos em direção ao Cine Ouro Verde. Aqui desse lado ainda não tinha o jardim, o jardim foi montado em 42, e aqui o desativado São Jorge Hotel, que hoje tem a Farmácia Nissei. Tem uma farmácia na esquina e aqui na avenida São Paulo. Essa aqui é a avenida Paraná, o calçadão, que foi fechado mais ou menos na gestão do Belinati [ex-prefeito]. Mais para frente era a Casas Pernambucanas. Vou aqui contar pra você, mas o que passou, passou. Meu

pai, caminhoneiro, fornecia tijolos telhas, areia, carretos. Quando a Casas Pernambucanas construiu essa ala pra baixo e essa ala pra cima, ele forneceu material para a obra. Quando então o empreiteiro começou a não pagar os fornecedores empregados e tal, e meu pai tomou um prejuízo de 45 contos de reis. Pra você ter uma ideia o que era esse dinheiro, em 39 ele comprou essas duas datas [atual casa na rua Souza Naves] por 4 contos e 500. O prejuízo dele aqui foi de 45 contos de reis, dez vezes mais, o pai foi em São Paulo [pausa]. Note bem, quem deu prejuízo não foi as Casas Pernambucanas, mas sim o Sr. José Muter, mestre da obra, encarregado da construção, daqui ele fugiu pra São Paulo e de lá sei lá pra onde foi e o pai até hoje não recebeu. E não sei se algum dos pedreiros tenha recebido, não sei dizer (BENATTO, 2010).

As expressões “aqui desse lado” e “aqui”, são utilizadas para situar o interlocutor. Enquanto na descrição escrita o pioneiro cita as lojas da região, em seu depoimento ele rememora uma história pessoal de sua família. Para explicar o valor do prejuízo de seu pai, ele usa a comparação do valor do terreno comprado na época, onde fica atualmente sua casa, na rua Senador Souza Naves. A imagem fotográfica faz com que ele recorde acontecimentos familiares relacionados à cidade e relate-os à pesquisadora.

A descrição escrita da figura 14 foi a seguinte: “A foto mostra um trecho da avenida Higienópolis vista do lado norte para o lado sul. O casarão ao lado esquerdo está na esquina da rua Tupi lado sul. O ano não sei precisar, mas foi antes de 1940.” As expressões “vista do lado norte para o lado sul” e “rua Tupi lado sul” tentam localizar o interlocutor, para que ele saiba de qual lado da avenida foi tomada a imagem. Na entrevista, o pioneiro levantou outras informações sobre o trecho:

Entrevista:

Aquele palácio na Higienópolis está mais ou menos aqui. Se você conhece um pouco a cidade, você sabe onde é banco francês-italiano, onde foi a casa do Sr. Celso Garcia Cid, aquele palácio [pausa]. Então aquele palácio ele está mais ou menos aqui, nessa mancha. Aqui ao lado, você lembra da casa da família Osternack, dos anõezinhos? Está do lado [assinalado em vermelho]. Essa casa aqui ainda existe, deve ser uma casa de moda de vinho, de alguma coisa. A rua subindo aqui do calçadão tem aquela igreja evangélica [início da avenida Paraná, assinalado em azul]. Aqui está aquele complexo da caixa d’água [assinalado em amarelo], aqui você está vendo a rua do norte para o sul, para o [lago] Igapó, avenida Higienópolis, de chão ainda e tal. Talvez o ano 40. O calçamento aqui começou em 41 ou 42. Não tinha calçadão nenhum, então antes de 40. Nessa avenida morava o pessoal da sociedade, Eugênio Larionoff, não me lembro bem, mas era a nata, pessoal da Companhia (BENATTO, 2010).

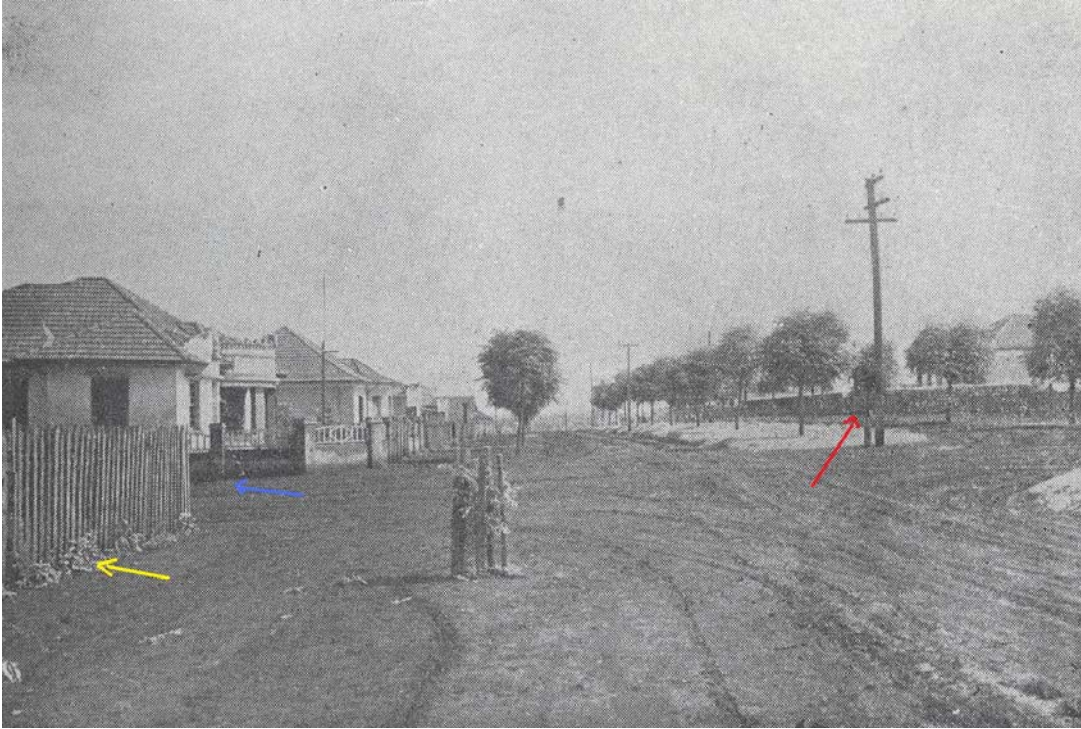


Figura 14 - Vista da avenida Higienópolis. Fotografia: Autor e ano desconhecidos.
Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

O entrevistado, usa novamente os dados da imagem, como o chão de terra, para situá-la na linha do tempo. Na descrição, informa como a fotografia está sendo tomada e na entrevista, aponta o que foi fotografado. Dados captados por seu aparelho perceptivo, memorizados pelo processo cognitivo e revisitados com o auxílio do registro fotográfico.

A percepção é tratada na teoria fenomenológica do conhecimento, como tendo uma estrutura diferente da estrutura do pensamento abstrato, que opera com ideias. (CHAUI, 2002). A percepção se realiza por perspectivas, ou seja, nunca se percebe um objeto completamente de uma só vez, são percebidas algumas de suas faces a cada contato. Já o pensamento compreende uma ideia de maneira inteira, captando a totalidade do sentido sem examinar suas interfaces.

Na visão de Merleau-Ponty (1999), o corpo é o intermediário obrigatório entre o mundo real e a percepção. Nessa corrente de pensamento, o conhecimento espacial adquirido consiste sobretudo em imagens, construídas na trajetória da vida, a partir da percepção, criando um espaço mental percebido e representado pelo indivíduo.

Estudos da Fenomenologia apontam que os homens compartilham percepções comuns do ambiente, por possuírem órgãos similares. Porém, a construção mental, que depende da relação do sujeito individual com o meio, faz com que essas percepções e seus mapas mentais sejam estruturados de maneiras completamente diferentes.

Omeletino Benatto observa as construções, lembrando de seus moradores, e descreve a localização das casas, o sentido em que a fotografia foi tomada e as direções norte e sul, utilizando pontos referenciais da cidade como o lago Igapó. Sua relação de percepção com o ambiente faz com que ele destaque aquilo que lhe parece importante, e os mapas mentais que percorre são instrumentos para que ele próprio se localize e organize sua narrativa. Outro pioneiro poderia destacar outros elementos na imagem ou descrever sua localização de maneira diferente, de acordo com o que foi apreendido na sua experiência perceptiva.

Na descrição escrita da próxima imagem (Figura 15), o entrevistado destaca o que os personagens faziam no espaço fotografado, e o localiza na cidade, informando que fica “onde hoje é a Biblioteca Municipal”.

Descrição escrita:

O *Chateau* na foto era no campo ou quadra onde os participantes de jogo de tênis descansavam e tomavam seu uísque com soda ou refrigerante “ginger ale” que eles apreciavam muito. O mesmo fica onde hoje é a Biblioteca Municipal, ano mais ou menos 1936/1938. O cidadão à direita era português, guarda no escritório da Companhia e que também atendia aos sábados, domingos e feriados, como homem de limpeza e bar. Quando foi instalada luz elétrica, eles também jogavam algumas noites. Deixo de citar alguns dos jogadores embora eu conhecesse muitos, na fotografia não estou reconhecendo. Nota: eu e meu irmão, Ousverildo, éramos pegadores de bola nesse campo e me lembro que por um mês de trabalho recebi como ordenado a importância de 22 mil réis e meu irmão 20 mil réis, uma pequena fortuna para 2 meninos que tinham somente 4 e 7 anos.

O processo cognitivo, isso é, a construção dos sentidos na mente, é composto por três fases: percepção por meio dos sentidos, seleção, daquilo que lhe parece importante, e atribuição de significados, que leva à memorização.

Para Omeletino Benatto, o que ficou guardado na memória, quando evocada a imagem da casa do campo de tênis da Companhia, foi o seu trabalho por dois dias como pegador de bolas. Na entrevista, ele repete a informação e complementa que, hoje, com as leis trabalhistas, um jovem de 17 anos não pode trabalhar. “A memória vem acompanhada de uma valorização do trabalho evocado e de uma crítica, ou melhor, de uma estranheza em face de certos costumes atuais.” (BOSI, 2007, p. 480).

Para Goethe (apud BOSI, 2007, p. 46), aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos, nós misturamos milhares de pormenores de nossa experiência passada. “Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens.” Para Bosi,

(2007, p. 46) com essa afirmação, começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total, pois permite a relação do corpo presente com o passado, e interfere no processo das representações.



Figura 15 - Clube de tênis da Companhia de Terras Norte do Paraná. Fotografia: José Juliani, ano desconhecido.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Entrevista:

Esse aqui era o português que cuidava da manutenção [fora da casa], esse aqui era o Sr. Luiz Estrela contador da Companhia, aqui tem o Dr. Ernesto Rosemberg, não sei se é esse, ou esse aqui. Mas aqui o pessoal jogava tênis, o Sr. Estrela, Larionoff, o Mister Thomas, Dona Bete, o Nicolau Lunardeli, João Figueiredo, Anísio Figueiredo, isso já numa época mais pra frente. Newton Leopoldo Câmara. Todo esse povo participava disso aqui, era um esporte dos ingleses que os solteiros da Companhia, e nessa época todo mundo era solteiro, foram casando em 40 e 41, todos os sábados, domingos e feriados eles iam lá jogar tênis. Mais tarde, instaram holofotes com lâmpadas possantes e jogava até de noite. Nessa quadra em 38 eu peguei bola, porque caía bola no meio, você corria e passava pra outro lado, daí retornava quando eles pediam a bola você jogava assim. E na época que eu trabalhei aqui, por trinta dias de serviço, eu ganhei 22 mil réis de ordenado e meu irmão 20. Eu entrei no sábado e não teve garoto pra pegar bola. Eu estava sempre sentado na grama do lado de baixo, apreciando. Então me chamaram e eu trabalhei naquela tarde. No dia seguinte meu irmão mais novo foi também, então eu ganhei 22 mil réis. Quando chegamos em casa a mãe se desesperou: “onde vocês arrumaram esse dinheiro?” Daí o pai voltou, ela contou pra ele, o pai queria saber e daí ele foi na Companhia saber do Mister Newber, e o Sr. Ernesto falou: “não, é o ordenado deles, pegaram bola, nós estamos pagando. E hoje um marmanjo de 17 aos não pode trabalhar, você vê como são as coisas.” (BENATTO, 2010).

As imagens da cidade são permeadas por lembranças familiares e individuais, e a mente retém as memórias e os significados mais importantes, que marcam ao longo da vida, associando-os de algum modo ao espaço onde ocorreram os acontecimentos. O entrevistado, quando criança, ficava “sempre sentado na grama do lado de baixo, apreciando”. Ele estabeleceu relações com partes da cidade que se tornaram as mais significantes. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (POLLAK, 1992, p. 203).

Na figura 16, em sua descrição escrita, Omeletino Benatto destaca a localização da casa fotografada atualmente e lembra antigos moradores, com os quais conviveu. Já durante a entrevista, o pioneiro fala sobre o morador que construiu a casa, Sr. João Alfredo de Menezes.

Descrição escrita:

O casarão em madeira muito bonito ficava na Rua Minas Gerais, hoje Senador Souza Naves. No mesmo local hoje está o mercado Musamar. Foi mandado construir pelo intelectual Sr. João Alfredo de Menezes que lá residia. Ano mais ou menos 1940. Nesse mesmo casarão morou o Sr. Dr. Anízio Figueiredo, que era médico ortopedista bom clínico e cirurgião. O irmão era também um grande médico, Sr. Dr. João Figueiredo, que aqui chegou em 1934. O mesmo João foi um dos fundadores da Acil - Associação Comercial e Industrial de Londrina, membro da fundação da ISCAL - Santa Casa de Londrina, e ainda candidato à prefeitura de Londrina no ano de 1944. Perdeu as eleições e posteriormente, com a sua família, mudou-se para Maringá.

Mais uma vez, em diferentes momentos, a mesma imagem é capaz de evocar distintas lembranças. Porém, nos dois relatos, escrito e falado, o autor busca na memória não apenas localizações, mas experiências das quais tenha feito parte. No primeiro caso, ele cita a família Figueiredo, amigos da família Benatto, e no segundo caso, cita o filho de João Alfredo de Menezes, com o qual ainda mantém contato.

Entrevista:

Isso daqui fica onde é o Musamar, não precisamente onde é o Musamar, mas sim onde tem uma padaria e uma casa de modas. Um casarão de madeira muito bonito. Foi mandado construir pelo intelectual João Alfredo de Menezes. Ele tem uma sala na Associação Comercial com homenagem ao nome dele, porque foi um dos fundadores. Ele tinha papelaria, mas era um intelectual, homem inteligente. Ele era brasileiro, veio pra cá já casado. O filho dele mora aqui, é Djalma Menezes, trabalha com fisioterapia, muito competente, bom professor de dança. Ele tem aqui na rua Pará esquina com avenida Mato Grosso, o consultório dele (BENATTO, 2010).

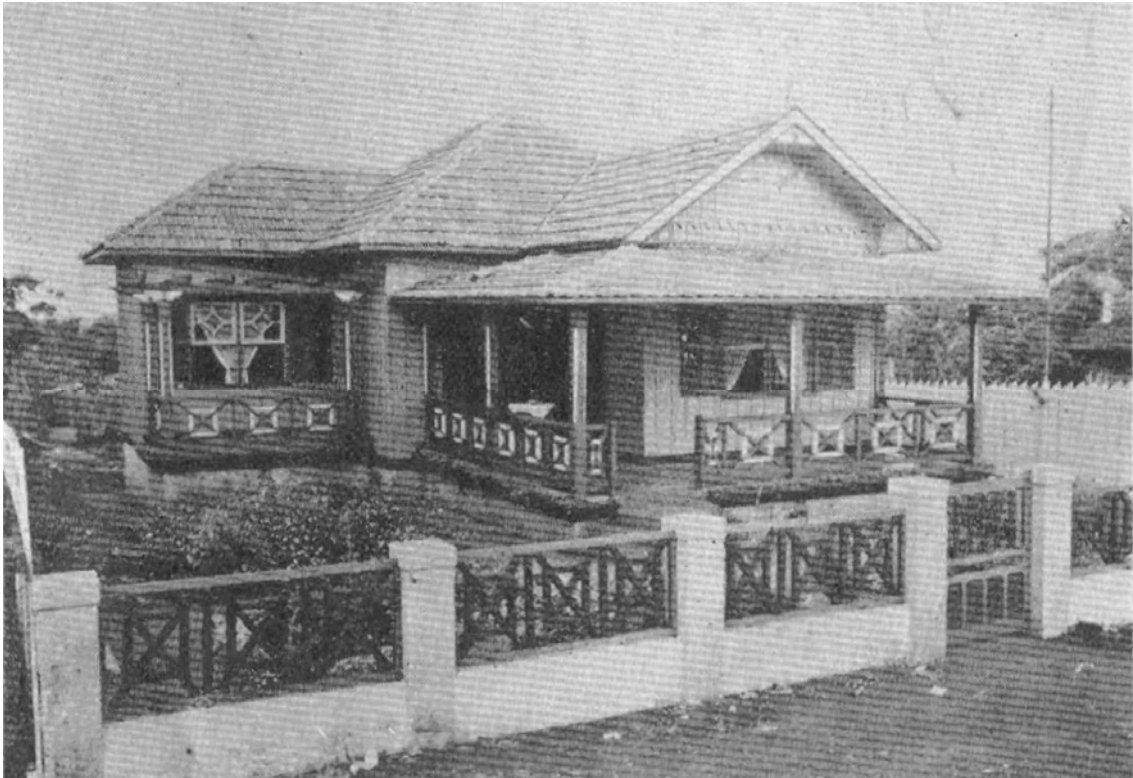


Figura 16 - Casa do Sr. João Alfredo de Menezes. Fotografia: Autor e ano desconhecidos
Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Além disso, é interessante observar que ele sempre relaciona o personagem ao seu trabalho (médico, dono de papelaria), o que para Bosi (2007) é o ponto central de memória dos velhos.

“A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia. Quando o Sr. Amadeu [um dos entrevistados] fecha a história de sua vida, qual o conselho que dá? De tolerância para com os velhos, tolerância mesmo com aqueles que se transviaram na juventude: Eles também trabalharam.” (BOSI, 2007, p. 481).

Na narrativa de Omeletino Benatto, a questão do trabalho também é levantada quando ele relata a infância, seu trabalho como pegador de bolas e secador de carros, e quando fala sobre a Autolon, empresa da qual chegou a ser sócio. Sua memória apreendeu aquilo que para ele tem significado, e as lembranças de hoje são permeadas por relações com o fato e com o lugar vivenciado, ao qual foi conferido importância. Para Bosi (2007, p. 21), “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia”.

Existe uma ligação entre o trabalho e o lugar de pertencimento, já que esse é local de vivência, onde o sujeito se reconhece. É também no trabalho, e por isso no local do trabalho, que na velhice, ele reconhece sua história.

Na descrição escrita da figura 17, o entrevistado cita que houve um incidente com o Dr. Muller, morador da primeira casa fotografada, que deixou Londrina e teria se tornado general da polícia do Hittler na Alemanha. Na entrevista, ele descreve o incidente, fato conhecido na época e descrito também por outros pioneiros da cidade. O médico Peter Muller, ao flagrar sua esposa com o amante, o assassinou, foi a júri e foi absolvido, sob a alegação de “defesa da honra”, posteriormente deixando a cidade.



Figura 17 - Casa do Dr. Peter Muller. Fotografia: José Juliani, ano desconhecido.
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

Descrição escrita:

O casarão que aparece na foto era mais ou menos parecido com outros dois que ficavam com a frente para a avenida Paraná, hoje calçadão. Numa dessas casas morou o médico Sr. Dr. Peter Muller, que atuou no hospital da Companhia. Com o médico, as pessoas que aparecem na varanda à tarde, o Dr. Peter e sua esposa. Não tenho como confirmar. Nota: o Dr. Muller após um incidente foi para São Paulo e depois para a Alemanha onde se incorporou no exército alemão chegando a general. Essa história circulou em Londrina em alguma época. O leitor poderá ver como era ainda a mata. Na frente dessa casa ficava a praça Willie Davids, para o leste.

Para Novaes (1997, p. 116), o uso da imagem “permite aprofundar a compreensão do universo simbólico, que se exprime em sistemas de atitudes por meio dos quais grupos sociais se definem, constroem identidades e aprendem mentalidades”. A descrição da história do médico alemão aponta que o fato “marcou” os moradores, talvez por ser resultado de um comportamento moralmente condenável.

Entrevista:

Aqui é o banco HSBC, depois do posto de saúde onde começa o calçadão. Essa casa se não me engano fica ali no centro da cidade, tem quatro ruas que são cortadas no meio formando uma meia lua, onde está a Concha Acústica, o HSBC, onde está o antigo cine Augustus, formando um redondo. Essa primeira era a casa onde morou o Dr. Peter Muller e depois o Dr. João Figueiredo. A segunda não me lembrou quem morou. A da esquina onde era o Banco do Estado do Paraná morou o Dr. Willie Davids. Eram três casa mais ou menos parecidas. O Dr. Peter Muller teve um problema de adultério com a esposa dele com um engenheiro e ele ficou sabendo e foi lá e matou o engenheiro. Não sei por quanto tempo mais ele ficou aqui deve ter respondido a júri, o promotor era em Jataizinho, cadeia era em Jataizinho, pelo ano de 33 ou 34. Isso foi o que eu fiquei sabendo. Daqui ele foi pra São Paulo e de São Paulo voltou para a Alemanha, porque ele era alemão. E lá, mais ou menos na época da guerra de 39, se introduziu no exercito alemão e acabou sendo general da Gestapo, polícia do Hitler. Depois morou o Sr. João Figueiredo, veio pra cá no ano de 34. A filha dele mora aqui ainda na rua Souza Naves, morreu em 57. Dr. João acho que era caçula, veio em 34 morou nessa casa, foi médico do hospitalzinho da Companhia depois do Dr. Peter, onde hoje é o posto de saúde. O Dr. Anízio veio em 38, era médico ortopédico, mas grande cirurgião, grande clínico e trabalharam muito aqui. Dr. João morreu no Rio de Janeiro, Dr. Anízio morreu em Londrina (BENATTO, 2010).

Novamente Omeletino Benatto cita a família Figueiredo e o Sr. Willie Davids, amigos de família, e localiza o interlocutor, informando onde ficavam as casas e fazendo associações com as construções de hoje. Observa-se que as lembranças fotográficas de Omeletino Benatto estão associadas aos personagens de sua convivência e aos lugares que frequentou durante a infância.

Nos fica a idéia de uma apreensão do tempo dependente da ação passada e da presente, diversa em cada pessoa. Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória (BOSI, 2007, p. 422).

É interessante notar que suas narrativas se organizam em função da imagem, seguindo a ordem dos objetos ou dos locais fotografados, “organizando” dessa forma, suas memórias. Seguindo a ordem da imagem: o local atualmente tem primeiro um HSBC, “depois

do posto de saúde onde começa o calçadão”. O morador da primeira casa fotografada foi Peter Muller, “a segunda não me lembro quem morou. A da esquina [que seria a terceira], onde era o Banco do Estado do Paraná, morou o Dr. Willie Davids”, conforme ordem dos elementos fotografados.

Dentre as lembranças, obtidas com a história oral e com a fotografia como detonador de memórias, estão informações sobre a história da cidade. Omeletino Benatto descreve os primeiros médicos do primeiro hospital do município, o fato de que em 33 ou 34 a cidade ainda não contava com um promotor, ou seja, o uso da fotografia acrescenta novas dimensões e novas informações à interpretação da própria história. Em outros depoimentos ele identificou também personagens, moradores, a localização de casas e costumes da época. Apesar de algumas datas não serem exatas, muitas das informações podem ser verificadas em livros sobre a história da região.

No processo de rememoração, a imagem fotográfica permite construir associações, fazendo com que o sujeito repense sua própria história. As descrições e depoimentos orais de Omeletino Benatto apontam para a existência do sentimento de pertencimento, do fazer parte e do ser participante. A emoção ao revisitar locais e fatos que envolvem o trabalho, amigos e familiares deixam claro os fortes laços afetivos do pioneiro com a cidade de Londrina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pioneiro Omeletino Benatto, aos 81 anos, mantém uma série de fotografias da época da colonização de Londrina, fotocopiadas em um livro pessoal com descrições escritas. Em muitas dessas imagens, coletadas em livros, matérias jornalísticas e obtidas com outros pioneiros, a história da cidade se confunde com sua própria história e de sua família, que chegou à Londrina em 25 de abril de 1934.

Esse trabalho reforça o papel da fotografia como meio de estudos antropológicos, e como fonte para recuperação histórica. A nova proposta metodológica que vem sendo desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, da imagem fotográfica como “gatilho detonador da memória”, sugere que registros imagéticos sejam utilizados e apresentados aos entrevistados para que novas lembranças lhes venham à memória.

Na narrativa de Omeletino Benatto, as histórias são revisitadas e as imagens fotográficas fixam um espaço-tempo de vida e de trabalho. Ele relaciona os lugares aos seus empregos e as construções, sua casa, às pessoas de sua convivência. Em seus depoimentos, ele recorda fatos, tradições e certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo, saberes não-oficiais, não institucionalizados.

Seus pais e parentes foram fotografados por diversas vezes em eventos significativos como inaugurações de estabelecimentos, em estações da linha férrea e festividades. As entrevistas com o pioneiro não tiveram roteiro elaborado, e ele teve liberdade para expressar suas percepções pessoais com o intermédio de fotografias de seu acervo.

Sua experiência individual e a relação com a cidade, abordadas por meio de registros iconográficos, recuperam histórias e informações sobre Londrina, um lugar de pertencimento. Em suas entrevistas, ele descreve histórias com detalhes significativos e com a convicção de quem testemunhou a construção da cidade.

Considera-se, neste estudo, que toda fotografia refere-se ao passado e, a cada leitura do registro imagético, é possível apreender e repensar a história no presente. A imagem fotográfica é um instrumento para analisar a cena passada e documento para a recuperação e preservação da memória. Já a memória individual é algo vivo, que mantém uma dialética entre lembranças e esquecimentos. Apesar de ser um processo carregado de imprecisões, reconstruções e distorções, a memória, assim como a fotografia, é utilizada como instrumento de pesquisa imprescindível para a recuperação histórica.

O testemunho oral, que começou a ser reconhecido em meados do século passado no meio acadêmico, aponta para a realidade fruto da experiência, uma criação de sentimento e pensamento do sujeito, e a narrativa deve ser encarada como uma construção, uma seleção de impressões e acontecimentos. A memória individual, elemento imprescindível para a formação da identidade, é revisitada aqui com o auxílio da imagem fotográfica, que faz com que vivências e peculiaridades não informadas na descrição escrita sejam lembradas. Ausências e erros são significativos para as análises, visto que o sujeito tem uma grande preocupação com a localização no espaço, mas não coloca com exatidão a data e o tempo dos eventos.

Para dar suporte à análise, foram abordados conceitos da antropologia visual como lugar, tido como um local onde o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Em oposição, o não-lugar é o local onde o sujeito não se identifica, são locais de passagem, impessoais, que aparentemente não significam, ao menos para os que visitam provisoriamente. Assim como os cenários, a cidade e sua arquitetura podem criar espaços que geram no sujeito sentimento e relações de afeto e reconhecimento, ou seja, a topofilia.

A relação da identidade com o lugar de pertencimento também foi trabalhada, já que o lugar é identitário e se concretiza no imaginário por meio de informações processadas pelos aparelhos de percepção e cognitivo. As informações apreendidas pelos sentidos, e que, posteriormente, passam a ter significados na mente, estabelecem uma retroalimentação de experiências que podem influenciar vivências futuras e que definem os mapas mentais.

Quando o homem se move, ele vivencia o espaço, e os pontos referenciais o auxiliam a reconhecer e identificar onde está e para onde vai. Esses elementos estão diretamente ligados à capacidade de ir e vir do sujeito, à formação da cidade, e a sensação de identificação com o ambiente, sintonia e sentido de localização, que faz o ser humano pensar: “estou aqui”, “vou para lá”, e um pressupõe a existência do outro.

O fluxo de informações e percepções que o indivíduo troca com o ambiente, o modo como ele se localiza, evidenciam o modo como o sujeito se reconhece nas ruas e o sentimento de fazer parte da cidade, ou seja: identificação pressupõe participação. Além disso, todo ser humano tem a necessidade de recorrer a imagens do passado, estabelecer relações, ter a consciência de onde veio e para onde vai. O domínio do fato passado e a compreensão do tempo presente geram o enraizamento do homem, condição *sine qua non* para a construção da identidade.

O entrevistado afirma que possui uma “memória fotográfica”, ou seja, suas lembranças têm como base um meio, uma das ferramentas da comunicação. Ele utiliza estruturas espaciais informativas para localizar o interlocutor e gesticula para explicar o sentido das ruas, voltando-se para sua direção. Foi possível observar também que a imagem fez com que o entrevistado percorresse seus mapas mentais, descrevendo assim os locais, conforme sua distribuição nas ruas.

Omeletino Benatto demonstra uma relação íntima com a cidade, ao descrever seus antigos e atuais estabelecimentos e a localização exata do que foi fotografado. Ele reconhece nas imagens dos outros a sua própria história e, por intermédio do registro fotográfico, foi possível observar sua relação de identificação e de orientação na cidade, ao descrever os elementos que auxiliam na formação de caminhos fixados pela memória e que são utilizados no processo de reconhecimento dos espaços.

Considerando o lugar como um ambiente onde o sujeito se reconhece e reconhece sua história, a cidade de Londrina pode ser considerada lugar de pertencimento para Omeletino Benatto, pelo qual ele desenvolve o sentimento de topofilia. Isso porque a receptividade de um lugar depende de sua estabilidade para os sentidos e da riqueza de experiências socioculturais que ele proporciona, e o ato de habitar está associado à ideia de local onde a vida acontece.

As funções psicológicas de identificação e de saber “onde se está”, são base do apoio existencial e o homem habita quando concretiza o mundo a sua volta. Os pontos de referências fazem com que a escolha de caminhos se torne mais fácil, e o conhecimento espacial adquirido pelo sujeito constrói imagens mentais, a partir de sua trajetória de vida. Esses mapas mentais, resultados da percepção ambiental, devem ser vistos como forma de comunicar, interpretar e imaginar os conhecimentos ambientais. Assim, os lugares adquirem sentidos e imprimem significado para aquele que o habita.

Omeletino Benatto parece querer situar o interlocutor da localização dos lugares fotografados, considerando de grande importância a lembrança dos nomes das ruas e utilizando pontos de referência para informar onde fica ou o que funciona no local atualmente. O ambiente conhecido e sua estrutura espacial facilitam a orientação, mas nos relatos, é necessário que sejam constituídos pontos concretos de identificação, como postos de saúde, museus e estabelecimentos comerciais. Ao se mover, ou mesmo refazer um caminho mentalmente em uma explicação (percorrer os mapas mentais), o sujeito “vivencia” o espaço e os pontos referenciais o ajudam a reconhecer onde está e para onde vai.

Alguns lugares fazem ressaltar aos olhos detalhes significativos do passado, como a casa e o local do antigo emprego. Assim como sua relação com a cidade é permeada por experiências particulares, a relação com a casa é permeada por memórias familiares. E as fotografias da família, assim como as da construção da casa, são uma espécie de patrimônio simbólico, que asseguram a coesão, pertencimento, identidade e referência ao entrevistado e à sua família.

Para Omeletino Benatto, Londrina é o lugar onde a vida acontece, e na medida em que ele se sente autor dos fatos narrados nos depoimentos, acredita ter ação participativa na comunidade e na história da cidade. A atmosfera local faz com que o entrevistado reconheça Londrina como um lugar antropológico, e que se renova constantemente. Ele pertence ao lugar, e o lugar pertence a ele, podendo interferir em sua rotina.

A apropriação do lugar, que passa pelos sentidos e pela percepção, destaca-se pela experiência visual. É por meio da visão, que o sujeito percebe seu entorno e, no processo cognitivo, lhe atribui significado. Os depoimentos orais apontam que a identidade vincula-se também ao “conhecido-reconhecido” e liga-se aos lugares que são habitados e marcados pela presença, criados pelas histórias individuais através do tempo. No plano simbólico, o lugar liga-se a significação de um sentido social, enquanto no plano concreto, relaciona-se com o estabelecimento de um local onde o homem passa a existir.

Omeletino Benatto expõe, por meio das suas memórias individuais, fatos e acontecimentos vividos em sua trajetória pessoal-social, e, a partir da leitura de suas experiências, recria, repensa e refaz a sua história no presente. A memória é uma representação seletiva de seu passado e as imagens da cidade de Londrina são permeadas por lembranças familiares e individuais. A mente do entrevistado retém as memórias e os significados mais importantes, que o marcaram ao longo da vida, associando-os de algum modo ao espaço onde ocorreram. Desse modo, ele estabeleceu relações com partes da cidade que, aos seus olhos, se tornaram as mais significantes.

Em sua narrativa, Omeletino Benatto destaca a questão do trabalho, descrevendo com as fotografias em mãos, os locais e suas funções em seus empregos. Existe uma ligação entre o trabalho e o lugar de pertencimento, já que os locais de trabalho são locais de vivência, nos quais o sujeito se reconhece.

Para relacionar os depoimentos, o estudo buscou apresentar um breve histórico da cidade de Londrina em suas primeiras décadas, quando a Companhia de Terras Norte do Paraná e os fotógrafos pioneiros produziram uma série de registros fotográficos,

muitos deles utilizados como meio de propaganda para a venda de lotes em outras regiões. O Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que detém grande parte desse registros e dos originais abordados neste estudo, disponibilizou as fotografias digitalizadas, informando também, quando conhecidos, data e autor.

Na busca pelas imagens, foi possível constatar que o próprio museu não tem conhecimento de quem são muitos dos personagens fotografados, ou não tem registro das histórias contadas por Omeletino Benatto. Dessa forma, após a conclusão da pesquisa, uma cópia será disponibilizada para consulta pública e para a democratização das informações obtidas.

Neste estudo, buscou-se analisar a relação do indivíduo, o pioneiro Omeletino Benatto, com o espaço em construção, Londrina, a partir de uma nova proposta metodológica que une a história oral e a fotografia, como um gatilho detonador de lembranças e memórias. A partir dos depoimentos, foi possível recuperar informações sobre as primeiras décadas da cidade (30 e 40), reconhecendo personagens fotografados, costumes comuns da época, casas de pioneiros, suas atividades e acontecimentos relacionados à família Benatto.

Foi possível verificar que as fotografias acrescentaram novos dados aos depoimentos e enriqueceram as entrevistas. O pioneiro, mais do que utilizar a imagem para recuperar lembranças, organiza sua narrativa a partir dos elementos fotografados e deixa transparecer em seu discurso o afeto pelo lugar de pertencimento. Dessa maneira, a fotografia se fortalece como instrumento de pesquisa, para estudos da antropologia visual e para a recuperação e preservação da memória.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de (Coord.). **Inventário e proteção do acervo cultural de Londrina**: memória e cotidiano: cenas do Norte do Paraná: escritos que se recompõe. Londrina: UEL/MEC/SESU, 1995.
- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia**: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).
- BADGER, Gerry. **Eugène Atget**. London: Phaidon Press Limited, 2001.
- _____. **Lewis Hine**. London: Phaidon Press Limited, 2002.
- BARTHES, Roland. **O obvio e o obtuso ensaios críticos III**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENATTO, Omeletino. Entrevista. Londrina, jul. 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 3).
- _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BONI, Paulo César. A fotografia como mídia visual da recuperação histórica de Londrina. **Intercom**, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/resumos/R0109-1.pdf>> Acesso em: 1 fev. 2009.
- _____. Discursos fotográficos. **Editorial**, Londrina, v. 5, n. 7, p. 9-10, jul./ago. 2009.
- _____. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do Autor, 2004.
- BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton Almeida dos. (Org.). **O novo mapa do mundo**: fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 303-309.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Arquitetura e fotografia no século XIX. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. p. 131-172.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

COUTINHO, Humberto Puiggari. **Londrina 25 anos de sua história**. São Paulo: Universal, 1959.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1990.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: _____. **Edição standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 4.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE. **Censo demográfico 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê, 2001.

_____. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p. 39-45.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p. 33-38.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso - II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. p. 59-82.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACARINI, Walmor. **Londrina Paraná Brasil: raízes e dados históricos**. Londrina: Humanidades, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARTINS, José de Souza. **Sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MERLEAU-PONTY Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PADRE CARLOS WEISS. **Acervo fotográfico**: Londrina, 2010.

NIEMEYER, Ana Maria de. Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia. **Textos didáticos**, Campinas, n. 12, jan. 1994.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem em antropologia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHULZ, Christian Norberg. **L'art du lieu**: architecture et paysage, permanence et mutations. Paris: Le Moniteur, 1997.

_____. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 441-461.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p. 19-32.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Images and mental maps. **Annals Association American Geographers**, v. 65, n. 2, p. 205-212, jun. 1975.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores no meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.

YAMAKI, Humberto, **Labirinto da memória**: paisagens de Londrina. Londrina: Humanidades, 2006.

ZORTÉA, Alberto João. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida**. São Paulo: Juriscredi, 1975.